

Sarau Literário:

diálogos, fazeres e reflexões
para além da sala de aula

Maria Isabel Andrade de Almeida Santos
Jaldemir Santana Batista Bezerra



Criação Editora

SARAU LITERÁRIO
diálogos, fazeres e reflexões para além da sala de aula

AUTORIA

Maria Isabel Andrade de Almeida Santos
Jaldemir Santana Batista Bezerra

ISBN

978-85-8413-730-5
doi.org/10.62665/cried-978-85-8413-730-5

EDITORA CRIAÇÃO | CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Jodeylson Islony de Lima Sobrinho
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

Maria Isabel Andrade de Almeida Santos
Jaldemir Santana Batista Bezerra

Sarau Literário:

diálogos, fazeres e reflexões
para além da sala de aula



Criação Editora
Aracaju | 2026

Copyright 2026 by
Maria Isabel Andrade de Almeida Santos
Jaldemir Santana Batista Bezerra

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico
da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes

Capa
Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

S237s Santos, Maria Isabel Andrade de Almeida; Bezerra, Jaldemir
Santana Batista
Sarau Literário: diálogos, fazeres e reflexões para além
da sala de aula /Maria Isabel Andrade de Almeida
Santos e Jaldemir Santana Batista Bezerra. – 1. ed. – Aracaju,
SE : Criação Editora, 2026.
100p (Ebook pdf)
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-8413-730-5

1. Educação. 2. Experiências - Sala de Aula. 3. Literatura. 4.
Relatos. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 371.397
CDU 371.382

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Educação: jogos educativos, teatro, sarau.
2. Educação: atividades literárias.

DEDICATÓRIA

A Deus, fonte da Vida, pelo dom de existir, pela perseverança que me sustenta, pela determinação que me move e pela busca incessante de compreender quem sou. Por cultivar em mim o Espírito Santo que pulsa a cada amanhecer, renovando minha fé, minha esperança e minha coragem de continuar.

Aos meus pais, que por meio da labuta diária e da doação silenciosa me enraizaram nos valores que promovem a vida, ensinando-me que dignidade e amor se constroem no chão do cotidiano.

Aos meus irmãos, que, mesmo sem saberem, me ensinam pela beleza e pela profundidade de quem são.

À minha família, meu solo e meu horizonte.

Ao meu esposo, Cloves, revelação do amor constante e paciente, meu maior apoiador em todos os momentos. Mesmo quando as tempestades se anunciaram através dos desafios da saúde, ergueu-se como meu porto seguro, lembrando-me que o amor é abrigo e força.

Aos meus filhos, Melissa e Emanuel, sopro do Espírito Santo no território do meu Ser Gente, razão do meu renascer diário e expressão viva da graça que me habita.

Ao meu amigo Maique Batista, presença generosa e companheira de caminhada.

Ao meu orientador, Jaldemir Batista, sinônimo de escuta sensível, motivação e plenitude de um conhecimento que transita entre existência e transcendência.

Aos professores do PROFCIAMB, representados pela professora Rosana Batista, mulher das subjetividades, cuja sensibilidade e inspiração atravessam estas páginas.

Aos meus colegas de turma, companheiros de jornada, partilhas e descobertas.

Aos meus alunos, razão viva do meu fazer docente, e à equipe do CEER e meus colegas professores, com quem construo, cotidianamente, o diálogo entre saberes e a tessitura do conhecimento.

Com gratidão profunda, dedico este trabalho a todos vocês, que são parte da minha travessia.

PREFÁCIO

É uma satisfação inenarrável escrever o prefácio desta obra que emerge da interseção entre a literatura e a filosofia do ser entrelaçada nas questões ambientais e o pulsar da vida cotidiana nos embalos das casas de farinha do município de São Domingos - SE.

Os autores, Maria Isabel e Jaldemir Bezerra, convidam-nos a refletir sobre uma educação que ultrapassa os limites físicos da escola e se constrói no diálogo constante com o meio social, cultural e ambiental. Ao aproximar o fazer da sala de aula do cotidiano (aqui simbolizado pelo contato com os trabalhadores das casas de farinha), a obra evidencia que a aprendizagem ganha sentido quando se ancora na vida concreta, nas histórias locais e nos saberes partilhados pela comunidade. Esse pensar converge com as ideias de Paulo Freire ao enfatizar que a educação ganha sentido quando dialoga com a experiência vivida, pois o contato com a realidade oportuniza o despertar da consciência crítica e do vínculo com o lugar que se habita.

A literatura, nestes escritos, assume um papel central para a compreensão de questões socioeconômicas, sociopolíticas, socioambientais e socioculturais. À luz do pensamento de Henrique Leff, as questões ambientais exigem uma compreensão que vai além do uso utilitário da natureza, reconhecendo o ambiente como espaço de vida, cultura e sentido. Nessa perspectiva, a leitura assume um papel formador ao despertar um olhar

sensível sobre o entorno, permitindo que o sujeito perceba as relações profundas entre sociedade, natureza e identidade. Quando o leitor se abre ao diálogo com o território e com as narrativas que o atravessam, ele também se reconecta às suas raízes e à memória de seus antepassados, compreendendo que o cuidado com o ambiente é, ao mesmo tempo, cuidado com a própria história.

As páginas, que se seguem, vêm mostrando como o ato de aprender pode emergir do diálogo entre teoria e experiência ao aproximar os estudantes da rede estadual de seu contexto de vida. Nessa perspectiva, o Sarau Literário e a **Ação Pedagógica** configuraram-se como espaços privilegiados da interdisciplinaridade, pois, reúnem **múltiplas linguagens, experiências e olhares sobre a realidade** como nos lembra Ivani Fazenda. A troca de saberes entre professores, estudantes e comunidade potencializou o fazer pedagógico rompendo com práticas fragmentadas e descontextualizadas em prol de conexões significativas entre teoria e vida.

Ao destacar abordagens teóricas, metodológicas e vivenciais, o livro inspira educadores a reconhecerem que aprender é também sentir, interpretar, criar e pertencer. Desenvolver essa sensibilidade socioambiental à luz do pensamento de Frederico Loureiro, é compreender que coexistir implica respeito às dinâmicas da natureza, valorização dos saberes locais e responsabilidade coletiva pelo cuidado com o meio. É construir uma consciência socioambiental que reconhece a inseparabilidade entre ser humano, cultura e natureza. Em tempos que exigem uma educação contextualizada, crítica e sensível, as práticas aqui apresentadas revelam caminhos possíveis para uma aprendizagem significativa.

A obra está organizada em quatro capítulos. O primeiro intitulado de *“Dimensões Simbólicas do Cotidiano: Um Percorso Etnográfico”* revela uma narrativa de memória e formação em que infância, território, trabalho e leitura se entrelaçam na

construção de uma identidade docente e humana. Ao revisitar a casa de farinha, a roça, a mangueira e as vivências familiares, o texto mostra como os saberes tradicionais, o trabalho coletivo, os vínculos afetivos e o contato com a natureza atuaram como espaços formativos tão potentes quanto a escola. Evidencia também um percurso de superação, no qual a leitura e a educação se tornam caminhos de emancipação e ressignificação da dor, especialmente, diante da perda do pai. Assim, o relato demonstra que pertencimento, cultura e memória não são apenas lembranças, mas fundamentos que moldam valores, sonhos e projetos de vida, transformando experiências simples em alicerces de uma docência sensível, crítica e comprometida com a vida e com o território.

O segundo intitulado como *“O diálogo entre saberes: uma via de transformação de realidades”* vem mostrando uma experiência de educação ambiental e literária que articula escola, território e comunidade, mostrando como o conhecimento pode ser construído de forma contextualizada e transformadora. A visita à casa de farinha e a discussão sobre o manejo da manipueira revelam o diálogo entre saberes científicos e saberes tradicionais, valorizando práticas locais de cuidado com o meio ambiente. Ao integrar literatura, interdisciplinaridade e vivências concretas, a pesquisa desenvolvida promoveu sensibilização socioambiental, sentimento de pertencimento e consciência crítica nos estudantes, que passaram a reconhecer o trabalho das comunidades rurais, seus modos de vida e suas responsabilidades ambientais. As produções dos estudantes demonstram que a aprendizagem extrapolou o conteúdo escolar, tornando-se experiência formativa, emancipatória e coletiva, na qual teoria e prática se unem para formar sujeitos mais conscientes de seu papel social e ambiental.

O terceiro intitulado como *“A importância do trabalho Pedagógico centrado na Leitura-Desdobramentos e Reflexões”* mos-

tra que a leitura literária, quando articulada à realidade vivida dos estudantes, torna-se um caminho de encontro com a própria vida, com a identidade e com o mundo social em que se está inserido. Ao conectar obras literárias às experiências locais (como a dinâmica das casas de farinha e as condições de vida no sertão), o texto evidencia que ler não é apenas decodificar palavras, mas interpretar os signos do mundo, desenvolver sensibilidade, consciência crítica e sentimento de pertencimento.

No quarto intitulado como “*Os Preparativos para o Sarau Literário: “A arte que Movimenta a vida”*” vem evidenciando que o Sarau Literário, organizado de forma planejada e articulado à leitura de obras significativas, tornou-se uma estratégia pedagógica transformadora, capaz de envolver os estudantes ativamente na construção do conhecimento e no desenvolvimento pessoal. Ao conectar literatura, realidade local e vivências dos estudantes (especialmente ligadas ao trabalho no campo e às casas de farinha), a proposta promoveu protagonismo estudantil, diálogo entre saberes, sensibilidade social e reflexão crítica. Os depoimentos revelam superação de medos, fortalecimento da comunicação, ampliação da visão de mundo, valorização das origens e desenvolvimento de empatia e consciência social.

A tessitura materializada nesta obra afirma que ler, é também, interpretar o mundo, reconhecer desigualdades, valorizar identidades e fortalecer vínculos com as próprias raízes culturais. Esse movimento me reportou a uma lembrança do passado quando a autora/professora Maria Isabel estava iniciando o mestrado. No início insegura, por adentrar em espaço interdisciplinar com o propósito de trilhar uma jornada de descobertas.

Lembra-nos Edgar Morin que a reforma do pensamento é algo necessário para sair de uma visão fragmentada do conhecimento para uma compreensão que articule as partes ao todo. Isso não é fácil! Esse percurso exige abertura intelectual, dispo-

sição para o diálogo entre áreas e a superação de fronteiras disciplinares que, muitas vezes, limitam a compreensão da realidade. No entanto, a autora/professora se desafiou e seus registros aqui nesta obra denotam um lindo desabrochar.

Logo, estes escritos **não são** apenas um registro de atividades pedagógicas, mas um testemunho de uma educação que acredita na potência do diálogo entre escola e mundo. Que este prefácio seja um convite à leitura atenta das experiências aqui reunidas e, sobretudo, à construção de fazeres educativos que reconheçam o estudante como sujeito de sua própria formação.

Maique dos Santos Bezerra Batista

Doutor em Ciência da Propriedade Intelectual – PPGPI/UFS

Docente do Programa de Pós-Graduação em Mestrado

Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências

Ambientais – PROFCIAMB/UFS

APRESENTAÇÃO

O livro “*Sarau Literário: diálogos, fazeres e reflexões para além da Sala de Aula*” tem como objetivo salientar o quão é transformador o poder da leitura. Esta obra é um dos Produtos educacionais desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Mestrado profissional em rede nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), vinculado a Universidade Federal de Sergipe (UFS), localizada em São Cristóvão, como resultado da dissertação da discente Maria Isabel Andrade de Almeida Santos orientada pelo professor doutor Jaldemir Santana Batista Bezerra, para obtenção do título de Mestra em Ensino das Ciências Ambientais. O projeto de pesquisa obteve aprovação do comitê de ética CEP/UFS sob o número 7.936.684, no dia 30 de outubro de 2025.

Busca evidenciar também não só a importância de se trabalhar em conexão com o meio físico e social (neste caso, o contato com os trabalhadores da casa de farinha), com foco na leitura em sala de aula, mostrando como o diálogo com a literatura potencializa a reflexão sobre questões de cunho socioeconômico e sociopolítico. Além disso, a Literatura se mostrou um potencial pedagógico para promover a reflexão acerca das questões ambientais e socioculturais, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o meio e suas raízes culturais.

O Sarau Literário, evento que inspirou esta obra, promoveu um espaço de diálogo interdisciplinar, onde professores de dife-

rentes áreas do conhecimento se uniram para criar um encontro entre literatura, comunidade e meio ambiente. Essa interface permitiu que as reflexões ultrapassassem as paredes da sala de aula, conectando a realidade local (como a dinâmica das casas de farinha em São Domingos/SE) à sistematização escolar e à Literatura Brasileira Regionalista.

Ao aproximar os alunos do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro à sua realidade e à literatura, o projeto mostrou como a construção do conhecimento se dá de forma integrada, reconhecendo que os tempos atuais exigem uma abordagem mais ampla e contextualizada. Como resultado, os alunos desenvolveram um olhar mais crítico e sensível para o cuidado consigo, com o ambiente e com o cosmo. O livro apresenta abordagens teóricas e metodológicas que destacam a interação com o meio e o uso de metodologias ativas, como:

- Visita técnica à casa de farinha do povoado Mulungu que resultou na construção de um mural de poesia elaborado pelos alunos depois de uma discussão em roda de conversa. Fruto da conexão dialógica entre a realidade dos trabalhadores da casa de farinha e a análise do poema de João Cabral de Melo Neto *“Tecendo Amanhã”*.
- Seminários e mesas redondas: “lugar de encontrar-se com a vida”, “de interpretar os signos do mundo”, espaços de diálogo e compartilhamento de reflexões sobre as leituras e temas de cunho socioculturais, econômicos, políticos e socioambientais que entrelaçam as relações de existências seja do homem sertanejo ou das comunidades rurais.
- Roteiros teatrais e apresentações: alunos elaboraram e apresentaram produções artísticas que conectaram literatura e questões do meio ambiente e comunidade. Neste espaço, os alunos mostraram seu desenvolvimento de

forma integral como preconiza a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Aqui, eles expressaram seus sentimentos e emoções. Lugar da catarse (dançaram, dramatizaram e declamaram poemas tanto de suas próprias autorias, quanto de renomados poetas e poetisas).

- Construção de cenários: os alunos participaram ativamente da criação de cenários para suas apresentações, integrando os fazeres e saberes pedagógicos que envolveram as relações de aprendizagem eficientes e eficazes, já que participaram ativamente desse processo.

Foi elaborado levando em consideração a proposta metodológica qualitativa, centrada na pedagogia de problematização para promover aprendizagem significativa e para incentivar a reflexão crítica sobre a realidade local. As atividades pedagógicas desenvolvidas, como mesa redonda, dramatizações e declamação de poemas, apresentações de monólogos contribuíram para o desenvolvimento de competências e habilidades que dialogam com uma educação centrada no protagonismo estudantil e para a formação de uma sensibilização ambiental e cultural nos estudantes.

No corpo do livro ficou evidente o quanto a interação com o meio físico e social revelou a criatividade dos participantes, resultando em relatos que refletiram na transformação de comportamentos e no senso crítico diante da realidade. Os objetivos específicos propostos foram alcançados, mostrando que o diálogo entre os saberes e sua conexão com a Literatura pode inspirar os alunos a refletirem sobre sua relação com o meio ambiente e a se perceberem como parte integrante do cosmo.

Além disso, a experiência demonstrou que o processo de ensino-aprendizagem se dá de forma significativa quando há diálogo entre os saberes. A conexão entre a realidade da casa de farinha e os textos literários se mostraram capazes de inspirar os

estudantes a se tornarem agentes transformadores de sua realidade, contribuindo para a transformação de seus territórios de vida e imaginários sociais.

Ao reconhecer que esse é o caminho para a construção do ser autopoietico, lançamos mãos de estratégias que se dão em três momentos. No primeiro, buscando uma conexão entre os imaginários sociais dos trabalhadores da casa de farinha e o ensino de Literatura, aproveitamos o ensejo para falar sobre a produção de farinha e sua relação como o poema de João Cabral de Melo Neto *“Tecendo a manhã”*. Seguindo o planejamento, buscamos avaliar as obras de nossa Literatura Regionalista que dizem da realidade do homem sertanejo e de sua luta pela sobrevivência, como é retratado em *“Vidas Secas”* de Graciliano Ramos, em *“O Quinze”* de Rachel de Queiroz, em *“Os Corumbas”* de Amando Fontes e em poemas de João Cabral de Melo Neto, entre outras. Essas obras são fundamentais para abordar temas socioambientais e culturais, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e sensíveis às causas ambientais.

No segundo momento, com o objetivo de trazer os alunos para o centro do processo de ensino-aprendizagem, solicitamos que os alunos se organizassem em círculo, buscando envolvê-los por meio da recitação do poema de Carlos Drummond de Andrade *“No meio do Caminho”*. Depois disso, seguimos com a discussão em roda de conversa para que houvesse uma melhor interação entre eles e para que os objetivos daquele momento fossem alcançados.

Ao relacionarmos as pedras do meio do caminho com as dificuldades encontradas seja no ambiente escolar ou na realidade cotidiana, tendo em vista que muitos são filhos de agricultores que têm que sair de casa às 04h da manhã para descascar mandioca. Em seguida, apresentamos slides relacionando-os aos aspectos socioculturais e socioambientais e, por fim, apresentamos as obras escolhidas.

No último momento, após a leitura, organizamos rodas de conversa para trocas de experiências e para verificar se os objetivos foram alcançados. Aqui, os alunos mostraram que aprendem e apreendem participando ativamente por meio de teorização, de apresentações de seminários, mesas redondas, elaboração relatórios e construção de conhecimento por meio de elaboração de poesia. Essas atividades promovem reflexão crítica e a formação de uma consciência ambiental e cultural nos estudantes. Por isso, espero que o livro *“Sarau Literário: diálogos, fazeres e reflexões para além da Sala de Aula”* inspire metodologias de ensino inovadoras e eficazes, capazes de fomentar uma relação transdisciplinar entre o ser humano e seu ambiente/lugar/território.



Maria Isabel Andrade de Almeida Santos

Discente de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB/UFS.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO I	19
Dimensões Simbólicas do Cotidiano: Um Percorso Etnográfico	19
Eucasafarinha, Euleitura, Euprofessoradeliteratura	20
Ritmos, Ritos e Raízes: Entre os Imaginários da Sustentabilidade e as Contradições Culturais na Casa de Farinha	36
CAPÍTULO II	42
O diálogo entre saberes: uma via de transformação de realidades	42
Vozes que Amanhecem: A Metáfora do Galo em “Tecendo a Manhã”	45

CAPÍTULO III	62
A importância do trabalho Pedagógico centrado na Leitura - Desdobramentos e Reflexões	62
Leitura: lugar do encontrar-se com a vida - uma realidade experienciada no lugar de encontros	63
Metamorfose e Autopoiese: consequências de um trabalho voltado para o protagonismo estudantil	66
Literatura Regionalista: uma abordagem transdisciplinar para reflexão das questões socioculturais, econômicas e socioambientais reveladoras da identidade	73
CAPÍTULO IV	77
Os Preparativos para o Sarau Literário: “A arte que Movimenta a vida”	77
Aprendizados e Reflexões durante e Pós-realização do Sarau Literário	81
REFERÊNCIAS	98

CAPÍTULO I

Dimensões Simbólicas do Cotidiano: Um Percurso Etnográfico



EUCASAFARINHA, EULEITURA, EUPROFESSORADELITERATURA

Pelos idos de minha tenra infância, lembro-me de meu pai, todas as manhãs, chamando-nos — a mim e aos meus irmãos — para juntos, tecermos a teia da vida, ajudando nos trabalhos e nas atividades manuais da feitura da farinha de mandioca.

Tudo começava na roça, que não ficava aos arredores de nossa casa. Localizava-se no povoado Periperi, no município de São Domingos/SE, onde o vento, os pássaros e as árvores frutíferas — jaqueiras, coqueiros e pés de dicuri — dividiam espaço com o plantio da mandioca. A ida até lá configurava-se como um momento de descontração: às vezes íamos de carroça; outras, sobre o lombo de um cavalo. Tudo era muito divertido.

No caminho, os galopes nos levavam às alturas. Parecia que éramos personagens de “Peter Pan”. Respirávamos aventura, inalávamos o ar puro, vislumbrávamos o verde da estrada entre subidas e descidas que precisávamos atravessar até chegar ao tão esperado destino: a malhada do Periperi.

Ao chegarmos, meu pai nos convidava a encher os cestos de mandioca e colocá-los na carroça de burro. Antes, porém, havia o momento do descanso à sombra da jaqueira. Aquela árvore frondosa parecia nos acariciar com seus galhos que quase tocavam o chão, convidando-nos a subir em seu tronco e nos perder entre suas folhagens verdes.

De repente, a voz de meu pai ecoava. Era o chamado para o retorno. O sol já não estava ameno. O calor e a poeira da estrada acompanhavam os passos firmes e a voz imponente de meu pai, que guiava o burro esforçado a transportar toda aquela carga. Ainda assim, ele parecia disposto a enfrentar a longa estrada en-

trecortada por roças paralelas à rodagem de barro avermelhado. Enquanto isso, divertíamos-nos sobre a carroça cheia de mandioca. Tudo era motivo de alegria: o vai-e-vem nos buracos da estrada, as apostas entre meus irmãos sobre se o burro conseguiria subir a ladeira da Taboca ou se precisaríamos descer. Era uma festa.

Por vezes, ouvíamos o estalar da correia de couro no lombo do animal. As mãos de meu pai, marcadas pelo sol e pelo trabalho duro, seguravam aquele instrumento disciplinador. O pobre burro, entre gritos e estalos, parecia reunir forças para continuar a sofrida caminhada. Para nós, era apenas diversão.

Hoje, revisitando essa memória, percebo nossa ingenuidade. Ríamos do galope cansado, do ranger da carroça, dos gritos de meu pai apressando os passos do animal. Do alto da carroça, contemplávamos as áreas verdes que se aproximavam da casa de farinha. A chegada estava próxima.

A subida íngreme. O esforço do burro. A voz tensa de meu pai ecoando. Era como se temesse que o animal não concentrasse forças suficientes para vencer aquela derradeira ladeira antes do destino: a casa de farinha — lugar do meu outrora, de meu primeiro aconchego, de minha tenra realização.

Enfim, a chegada. Para o burro, alívio. Para meus irmãos, desencanto: descer da carroça significava colocar as mãos na massa. Descarregar a mandioca. Prepará-la para sua transformação. Para mim, porém, começava o segundo momento da festa. Depois de armazenadas próximas à porta de entrada — ao lado do banco do motor que as ralaria, em frente ao forno de barro que as transformaria em alimento — as mandiocas tornavam-se minhas companheiras. Testemunhas íntimas de meus desejos.

As memórias permanecem vívidas: o raspar das facas, o carregar dos cestos, a massa escorrendo para a prensa manual. Do lado de fora, voltado para o sol poente, meu pai preparava a lenha que aqueceria o forno.

Eu observava tudo: cada pedaço de pau seco sendo colocado no orifício do forno; a fumaça que surgia de súbito; a chama avermelhada que ganhava vida. O forno à lenha transformava a massa fria em farinha quentinha. À medida que o sol batia na parede de tijolos, tudo reluzia. Um artesanato sagrado se realizava diante de meus olhos.

Esses espaços permanecem vivos em minhas memórias afetivas. Como afirma Yi-Fu Tuan (1977), tornam-se lugares quando as experiências e os valores lhes atribuem significado. A intimidade desses ambientes fez com que minha infância ganhasse cor e permanência. Mas o que mais me entusiasmava era a chegada da carroçada de mandioca, pois reacendia em mim o desejo de vestir-me de professora.

Quase sempre às segundas-feiras à tarde, a casa de farinha transformava-se em minha sala de aula. Estudava pela manhã; à tarde, ensinava às mandiocas. Trazia, às vezes, pedaços de giz — por vezes informando à diretora que eram sobras destinadas ao lixo. Em casa, aprendera que nada se pega do que não é seu, nem mesmo restos. Ainda assim, aquele giz tinha valor inenarrável. Eu o carregava como um troféu.

Mal via a hora de chegar para senti-lo em minhas mãos e vê-lo transformar-se em letras nas paredes rebocadas da casa de farinha. O carvão e o giz logo se desfaziam, mas minha alegria em repetir as lições da professora Aparecida era imensa. Lecionava para as mandiocas. Sim! Para as mandiocas!!! Elas foram testemunhas oculares de um sonho que floresceu.

Meu pai talvez nunca tenha imaginado que aquela menina, aquela casa de farinha e aquelas mandiocas fossem metáforas de uma realidade em transformação. Que aquele chão seria extensão de uma sala de aula. Que um dia essas memórias saltariam da vida para a escrita.

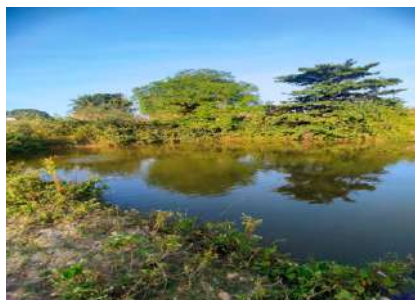
Como as borboletas, que atravessam a metamorfose para garantir a sobrevivência (Almeida, 2012), aquela menina — filha de

pais analfabetos — transformou-se em professora. Hoje, está em uma Universidade Pública Federal, defendendo seu mestrado.

A casa de farinha foi também espaço de escuta. Recordo-me de dona Conceição, pedindo cuidado com a faca. Ouço ainda as conversas das raspadeiras enquanto a mandioca se transformava em massa, depois em farinha. Tudo era artesanal. Tudo me encantava. O espaço ao redor do forno era meu lugar de contemplação. Como as laterais ficavam a quase um metro do chão, eu me sentia nas alturas de minha realização.

Nosso amanhecer começava ali. A casa de farinha era lugar de sonhos. Pequena, mas aconchegante, abrigava o motor, a prensa, o forno, a peneira — instrumentos de transformação. À frente, a estrada que levava a São Domingos; à esquerda, a de Campo do Brito. Ao lado, nossa casa. Entre elas, o quintal das galinhas que anunciavam o amanhecer. À direita, o riacho de água minante, cercado por bananeiras, goiabeiras, pitombeiras e bambus. Para minha imensa alegria, esse espaço, apesar das mudanças, ainda jorra vida. Como se pode constatar por meio das fotos.

Imagem 01: Registros do Espaço onde minha infância se fazia abundante



Fonte: autoria própria, 2025.

Aquele minante corria em direção a um lago que ficava a poucos metros da nascente. Suas águas eram tão límpidas que podíamos ver nosso próprio reflexo. Convidavam-nos ao mergu-

lho. Sentíamos tão límpida, pura e fria que lavava não apenas o corpo, mas também a alma. Saíamos dali energizados. Era uma festa — embora breve.

Logo, meu pai nos chamava para a lida na casa de farinha: uns colocavam a mandioca para ralar; outros buscavam lenha para acender o fogo do forno que a torraria. Enquanto realizávamos essa dinâmica, as mulheres raspavam a mandioca, imprimindo celeridade ao processo.

Geograficamente, a casa de farinha localizava-se na Gameleira, povoado do município de Campo do Brito/SE, situado a aproximadamente 10 km da sede. Destacava-se pela tranquilidade e pelo ambiente rural típico do interior sergipano. A região era marcada por paisagens naturais em que a vegetação da caatinga se mesclava às áreas de cultivo agrícola — sobretudo, à cultura de subsistência: feijão, milho, amendoim e, é claro, a maniva que dá origem à mandioca.

Essa cultura atravessara gerações. Ir à roça com nosso pai significava participar de algo muito maior do que o simples trabalho agrícola: era integrar-se a um modo de vida. O mundo inteiro parecia caber naquele pequeno espaço onde se alicerçava, silenciosamente, a construção de nossas existências.

Hoje compreendo que aquela formação se dava no contato com uma natureza ainda não capturada pela tecnização de que nos fala Milton Santos (1994). Ali, o tempo obedecia ao ritmo da terra, da colheita e do forno aceso. Aos olhos de meu pai — ainda que ele jamais tivesse nomeado conceitos — cultura era aquilo que se transmitia no gesto, na repetição, no exemplo. Territorialidade era pertencimento vivido.

Seus ensinamentos, vindos de um homem que nunca frequentara os bancos escolares, dialogam, hoje percebo, com o que afirma Zygmunt Bauman (2012) ao reconhecer que a cultura se constitui no encontro entre o humano e o mundo que o circun-

da. Na casa de farinha, esse encontro se materializava na práxis: mãos que raspavam, corpos que carregavam, vozes que ensinavam, olhares que aprendiam.

Assim, aquilo que na infância se apresentava como rotina revela-se, na maturidade reflexiva, como prática cultural estruturante, na qual trabalho, território e afetividade se entrelaçam na constituição de minha identidade docente. O que antes era apenas vivência cotidiana – carregar cestos, observar o forno, escrever com carvão nas paredes – transforma-se, à luz da reflexão, em fundamento de minha formação humana e profissional.

Compreendo, agora, que aquele espaço não era somente lugar de produção de alimento, mas território formativo, onde saberes tradicionais e experiências sensíveis se inscreviam em meu corpo e em minha memória. A casa de farinha configurava-se como extensão da sala de aula e, simultaneamente, como chão primeiro de minha aprendizagem sobre responsabilidade, coletividade, resistência e dignidade do trabalho.

Foi nesse entrelaçamento de fazeres e afetos que se delineou minha identidade: uma professora que reconhece no saber popular não um conhecimento menor, mas uma epistemologia viva, forjada no cotidiano e transmitida na partilha. O que ali se produzia não era apenas farinha – era cultura, era pertencimento, era projeto de vida.

Hoje percebo que minha docência carrega o cheiro da lenha acesa, o calor do forno e a memória das mãos calejadas de meu pai. Ensinar – construir conhecimento – para mim, tornou-se continuidade daquele gesto primeiro: transformar matéria em alimento, experiência em conhecimento, memória em permanência que sobreveio de uma determinação determinada.

Imagem 02: Foto do meu pai

Fonte: autoria própria, 2025.

A feitura da farinha se dava sob a coordenação de meu pai e dos trabalhadores que o auxiliavam em todo o processo artesanal. Esse conhecimento, considerado por Almeida (2010) como tradicional, apesar de muitas vezes visto como inferior, mantém-se funcional às populações humanas, pois se ancora nos saberes transmitidos por gerações passadas. Contudo, ainda segundo a autora, o ponto de maturidade e de diálogo que impulsiona a transformação social – seja por meio da ciência, seja pelo conhecimento tradicional – reside na compreensão de que ambos partem de lugares distintos, mas se entrelaçam em um mesmo propósito: servir àqueles que deles necessitam.

Meu pai não era alfabetizado, mas sua sabedoria transcendia o universo letrado. Lembro-me com nitidez de quando pedia minha ajuda para peneirar a farinha recém-saída do forno, numa época em que a tecnologia ainda não alcançara o campo. Essa memória permanece latente em meu ser, pois aquela ação não se configurava apenas como trabalho, mas como um mo-

vimento de transformação em mão dupla: a mandioca, há pouco retirada do solo, tornava-se alimento e sustento de minha família e de tantas outras que trabalhavam na casa de farinha artesanal de meu pai.

Após o processo, a farinha era ensacada e levada para comercialização na feira de Itabaiana — a cerca de 23 km — e também na capital do estado, Aracaju, a pouco mais de 80 km de distância. A produção artesanal atravessava estradas e territórios, conectando o local ao urbano, o tradicional ao mercado.

Foi nesse cenário que cresci.

Além da casa de farinha, elegi outro lugar preferido para minhas leituras: a mangueira que ainda hoje permanece no mesmo lugar — agora robusta, adulta, assim como a garota que fazia de seus galhos espaço de reinvenção. Como afirma Cecília Meireles, “a vida só é possível reinventada”. Mesmo sem saber, ao subir naquela mangueira, parecia transcender os obstáculos que ainda viriam: a partida de meu pai e as vozes que insistiam em afirmar que filho órfão deveria trabalhar para ajudar nas despesas.

Não me intimidei. Não permiti que aquelas vozes me roubassem de mim mesma. Ao subir na mangueira, adentrava seu universo acolhedor. Sentia-me abraçada. Éramos íntimas. Amicíssimas!! Ali, em meio às folhagens, estudava, refletia e aprendia a discernir as vozes externas das convicções internas. Ali se fortalecia o meu ser cultural, como nos provoca pensar Enrique Leff (2016), ao tratar da constituição identitária no entrelaçamento entre sujeito e território.

Era também ali que imaginava ouvir a voz de meu pai dizendo: “Estude para ser gente.” Ser Gente — com letra maiúscula. Esse ideal simbólico tornou-se meu Norte.

Meu pai, homem de aproximadamente 1,80m, pele morena, cabelos castanhos e olhar decidido, foi pai de doze filhos — oito do primeiro casamento e quatro com minha mãe. Trabalhador,

honesto, hospitaleiro, acolhedor. Nossa casa parecia uma pensão. Às quartas-feiras, ele ia a Itabaiana comprar peixe, charque, feto de boi e outros mantimentos para alimentar pessoas vindas de Lagarto/SE — eram pedintes —. Muitos dormiam na casa de farinha; Dudu, uma menina mais ou menos de minha idade, dormia na mesma cama que eu.

Ele me ensinou que não se deve fazer acepção de pessoas e que o amanhã é sempre mistério. Por isso, dizia, devemos ser Gente que cuida de gente. Chamavam-no Jovino do Taboca. Sua humanidade é, para mim, o retrato da transcendência que faz o bem sem esperar retorno. Vivi ao seu lado apenas quatorze anos — mas foram suficientes para que as sementes lançadas em meu coração criassem raízes profundas e se tornassem árvores frondosas.

Sua voz ainda ressoa em minhas memórias. Como sugere Carlos Drummond de Andrade, não pretendo “cantar um mundo caduco, nem um futuro”, mas reiterar o quanto recordar esse tempo é essencial à construção de meu edifício humano.

Ele partiu em uma manhã de sábado.

Parafraseando Drummond, “no meio do caminho tinha uma pedra”. E as pedras vieram: sua voz silenciou, o amanhecer perdeu o brilho, os galos já não teciam a manhã como antes. A dor e a saudade habitaram o edifício do meu coração.

Mas, no fundo, uma esperança me impulsionava: olhar para o alto e buscar forças dentro de mim. Sua voz ecoava: “Nasceu para ser Gente.” Para isso, eu precisaria ressignificar a dor. Mais uma vez, Cecília Meireles me acompanhava: “Mas a vida, a vida, a vida só é possível reinventada.” Esse ressoar insistente me ensinou que os desafios não anulam o recomeço; antes, o tornam necessário.

Após sua travessia, subir na mangueira e estudar tornou-se meu ato de resistência. O futuro parecia perigoso — como afirma

João Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*: “Viver é perigoso.” Ainda assim, contemplar a paisagem do alto da mangueira libertava-me das algemas da perda, libertava-me de toda peia.

Naquela manhã meio cinza de 15 de dezembro — o dia de sua eternidade — compreendi que ser Gente é aprender a atravessar a noite escura e reconhecer que a vida renasce nas manhãs que insistem em chegar, iluminadas pelo nascer e renascer do Sol, embaladas por sua voz silenciosa e insistente “acorda para ser Gente!”

Imagem 03: Revivendo minhas memórias



Fonte: autoria própria, 2025.

Apesar da ausência física de quem me protegia, de quem me fazia mergulhar para águas mais profundas, a sua voz se transfigurava à época e se transfigura em meus dias em força e alento. Hoje, percebo o quanto sua travessia se presentifica por meio do mergulhar dentro de meu ser cultural e me faz enxergar que a presença física é a mais insignificante das presenças, pois todos os valores que me ensinou representam a abundância e a plenitude da existência humana que se realizam em mim em cada amanhecer.

Por isso, os versos de Drummond, mais uma vez, por meio de seu eu lírico ratificam que devo seguir “de mãos dadas com

o tempo presente e a vida presente”, buscando nas lembranças afetivas todas as experiências que me impulsionam para viver a plenitude que outrora recebera da vida simples e abundante, pois sua ausência tornou-se permanência em forma de princípio, de ética, de direção.

Euprofessoradeliteratura: entrelinhas da subjetividade



Fonte: autoria própria, 2025

Esses registros evidenciam a paixão pelo fazer pedagógico que transborda as paredes da sala de aula e vai ao encontro do poder transformador da leitura, contribuindo para que professores e alunos se unam, se compreendam e se encantem com o universo sensível da arte.

Isso porque a educação é espaço — ambiente, lugar — de transformação. Entre o objetivo, o subjetivo e o abstrato, o delinear da vida acontece por meio da leitura de mundos, a começar pelo nosso próprio mundo interior. Ler é, antes de tudo, reconhecer-se. Encontrar-se.

Segue, portanto, o poema de minha autoria, “*Euprofessora-deliteratura*”, escrito para a abertura do Sarau Literário “*A arte que movimenta a vida*” — expressão viva de uma docência que pulsa para além dos conteúdos e se realiza no encontro. Diante dessas memórias, parafraseio Padre Antônio Vieira ao afirmar que o tempo é senhor da vida: tudo cura, tudo suporta, tudo destrói e tudo realiza. De fato, ele tinha razão.

O tempo, em minha trajetória, tornou-se atemporal. Lá na infância, a mangueira, o ambiente natural, o canto dos pássaros, a brisa leve, a voz de minha mãe a me chamar — tudo, absolutamente tudo, convergiu para que, após tantos janeiros, eu estivesse aqui, sendo ruptura e continuidade. Ruptura de expectativas que tentaram limitar meus horizontes. Continuidade dos valores que me formaram.

Hoje, sou professora de Língua Portuguesa apaixonada por meu ofício. Uma docência que transborda subjetividades e territorialidades de um tempo que não passou — apenas se eternizou nas entrelinhas do meu ser. Ensinar literatura, para mim, é conectar saberes, é prolongar a mangueira, é reacender o forno da casa de farinha, é fazer da palavra alimento que alimenta a alma e, como o forno, aquecer e iluminar e apontar caminhos. Eis o movimentar a vida pela arte. Segue poema revelador desse caminhar.

CORDEL LITERÁRIO

Estudante caminheiro,
o caminho se faz caminhando
Estudar em meio a esse mundo
Estudar em meio a esse sertão
Não é tarefa fácil não.

Mas, ouvi dizer que a leitura
É o meio pelo qual se interpreta
Os Signos do mundo!
E que no sertão, a leitura
É caminho para redenção.

Estudante caminheiro,
o caminho se faz caminhando
Deixe agora que lhe diga
Que a leitura é o meio
Para se transformar a vida.

Vamos gritar aos quatro ventos:
Que a leitura lida
Traz sentimento, emoção
E ressuscita a vida...

Estudante caminheiro,
o caminho se faz caminhando
A leitura lida
Transforma ambientes
Molda espaços
E dá brilho à vida.

Estudante caminheiro,
o caminho se faz caminhando
Seja no sertão ou na cidade
Mas, como a arte é espetáculo vivo da vida
Viva o Sarau Literário!
Lugar da arte e de revelação da vida...

Fonte: autoria própria, 2025

Esses versos reverberam o quanto a leitura transformou meu ser professora, meu ser pessoa humana. Deixe-me ser — inteira, atravessada pelas palavras que me constituíram. Todos os momentos que mantenho vivos em minha memória são sementes lançadas no terreno fértil de minha infância e adolescência, cultivadas por meio das leituras realizadas e do contato sensível com o meio físico que me cercava.

Ler não foi apenas decifrar códigos; foi aprender a interpretar o mundo, a mim mesma e as relações que me atravessavam. Por isso, acredito em um fazer pedagógico que valoriza a leitura, a produção, a expressão e o diálogo com o meio físico e social. O transitar por essas realidades produz sensações, desperta significados e constrói pertencimentos que se eternizam na existência.

É nesse movimento — entre palavra e mundo, entre experiência e reflexão — que a educação cumpre sua função maior: formar sujeitos capazes de ler a vida e, sobretudo, de reescrevê-la por meio das experiências entrelaçadas e atravessadas pelos encontros, desencontros, certezas e incertezas.

Para Bartoly (2012), transitar entre o objetivo — a mangueira e o ambiente natural —, o subjetivo — as sensações, memórias e lembranças vinculadas ao espaço geográfico — e o abstrato — os significados atribuídos ao lugar — contribui para que o sujeito organize e ressignifique sua experiência espacial.

Assim se deu comigo. Minha infância estruturou-se nessa perspectiva geográfica em que o ambiente físico e material coexistia com memórias afetivas e subjetividades inscritas no tempo. As cartografias da geografia humanística e da geografia crítica entrelaçaram-se em minha trajetória e, em mim, eternizam-se na localização simbólica de minhas territorialidades.

Aquela menina que ensinava mandiocas, estudava no alto da mangueira e era filha de pais não alfabetizados não se deixou abater pelas vozes que insistiam em dizer que filhos de pais não

letrados deveriam apenas casar, cuidar da casa e ter filhos.

Pois bem... casei, tive filhos, estudei — e aqui estou: fruto da quebra de um paradigma familiar.

Deixei-me ser.

Compreendi que a vida, conforme nossas atitudes e decisões, encarrega-se de reorganizar os lugares e reposicionar os sentidos. Não é fácil. Como afirma João Guimarães Rosa, “é preciso ter coragem”. Exige esforço, resiliência, determinação.

E como nos lembra Carlos Drummond de Andrade, em *Receita de Ano Novo*, “é dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre”. Para mim, o Ano Novo se transfigurava diariamente quando, em meio às realidades contraditórias, eu percebia a necessidade de reorganizar os espaços subjetivos do meu lugar e do meu ser.

Todas as vezes que sentia falta de seu aconchego, esse Ano Novo renascia em mim, metaforicamente, por meio de uma lembrança insistente: “Acorda. Levanta para ser Gente.” E assim a vida foi me ensinando a viver — sentindo a ausência de sua presença física, mas experimentando sua sensibilidade, seu amor, sua compaixão e sua solidariedade como forças intrínsecas que habitam meu existir.

Esses valores se transfiguram na mais infinita leveza que inspira paz. Uma paz que não é ausência de problemas, mas presença de sentido. Uma paz que, como o cacto, floresce mesmo diante dos ventos fortes que sopram do Leste. Meu pai me ensinou que, assim como o cacto, devemos crescer para baixo — fortalecer as raízes — para que possamos sustentar o florescer.

A imagem que segue representa meu florescer em meio à dor da ausência. O cacto tornou-se metáfora de minha resistência: firme na aridez, profundo nas raízes, forte porque cresce para baixo antes de se erguer para o alto.

Imagem 04: florescer em meio à dor da ausência



Fonte: autoria própria, 2025.

RITMOS, RITOS E RAÍZES: ENTRE OS IMAGINÁRIOS DA SUSTENTABILIDADE E AS CONTRADIÇÕES CULTURAIS NA CASA DE FARINHA

Antes que o sol estenda seus raios dourados sobre as estradas de terra empoeirada, ouvem-se os passos firmes e determinados das raspadeiras de mandioca em direção à casa de farinha. Juntas, testemunham o sol nascente que aquece a vida ao mesmo tempo em que faz cair o orvalho — ainda que tímido — nas folhas das árvores daquele espaço onde a tradição ganha voz.

É um lugar de encontro: múltiplos olhares, rostos, idades e histórias que se unem em torno de um mesmo propósito — produzir farinha de mandioca de forma artesanal e com qualidade. Um espaço onde as mãos se entrelaçam e os trabalhadores seguem, simbolicamente, de mãos dadas para tecer o fio da existência que alimenta gerações e nutre esperanças, como sugere Carlos Drummond de Andrade. Ali, tradição e cultura se materializam nos anseios e desejos de uma comunidade que perpetua, no agora da vida, a dinâmica do cuidado e do amor que se fundem nesse fazer cultural.

Tal perspectiva dialoga com Enrique Leff (2016, p. 340), ao afirmar que “[...] os imaginários são mundos de vida produzidos e instaurados pela vida das pessoas em seu ‘fazer-se o mundo’, um mundo a partir de si e para si, anterior à objetivação do mundo [...]”. Na visão de Ana Fani Alessandri Carlos (2017), o lugar constitui o espaço vivido e sentido, palco das experiências cotidianas onde se entrelaçam a produção da vida e da existência humana.

Assim, a casa de farinha configura-se como espaço de suma importância para a comunidade rural. Neste texto, descrevo minha visita a esse lugar e analiso as práticas socioculturais, so-

cioambientais e socioeconômicas que permeiam sua dinâmica produtiva. Busco, ainda, evidenciar como seus sujeitos se habitam aos processos de modernização que, historicamente, tendem a dissolver marcas do ser cultural e de sua ancestralidade. Contudo, também ressalto que, por meio dos processos coletivos e dos imaginários sociais, emergem força, potencialidade e resistência — que brotam da compreensão de seus modos de vida e de sobrevivência — em prol da reconstrução de mundos sustentáveis e de outras formas de ser e estar no mundo.

O processo de arrancar a mandioca exige força, habilidade e paciência. A raiz é retirada com movimentos cuidadosos, revelando seu tesouro oculto na terra quente. As mãos fortes e calejadas dos trabalhadores, que antes da aurora já preparam o fio da vida com resiliência, agarram a terra em busca da raiz preciosa e silenciosa.

Em geral, esse trabalho é realizado pelos homens, enquanto as mulheres aguardam as companheiras do ofício — as mandiocas — para, na casa de farinha, iniciarem o processo de transformação da raiz bruta em alimento que sustenta a comunidade. Ali, desenham, com gestos precisos, a materialização da existência.

A casa de farinha visitada localiza-se na área rural do povoado Mulungu, a cerca de 2 km do município de São Domingos, em Sergipe. Em seus arredores, a plantação de mandioca já havia sido colhida e transformada em farinha. Além do cultivo da raiz, observou-se a criação de gado e a presença de árvores frutíferas — mangueiras, cajueiros e coqueiros — que compõem a paisagem e conferem vitalidade e alegria ao ambiente de trabalho artesanal. O que contribui para tornar o ambiente vivo e alegre. Seguem registros da casa de farinha.

Imagem 05: Registros da visita à casa de farinha



Fonte: autoria própria, 2025.

O local é simples e acolhedor. Ali, as histórias — sobretudo as das mulheres — entrelaçam-se ao som constante do motor que transforma as mandiocas em massa macia, úmida e amarelada. O que mais enche os olhos é a harmonia entre seres animados e inanimados: as conversas e gargalhadas humanas dialogam com o ruído

das máquinas que ralam a mandioca e com o giro persistente do forno que, teimosamente, não cessa seu movimento. É uma verdadeira fábrica artesanal onde o tecer do fio da vida se materializa no aroma fresco da farinha quentinha que paira no ar.

A casa de farinha configura-se como espaço de encontro e partilha. Ali se fortalecem laços sociais e culturais, enquanto o trabalho se organiza a partir de saberes tradicionais transmitidos entre gerações. A divisão das tarefas evidencia papéis historicamente definidos: os homens se ocupam do plantio, do transporte e da condução das máquinas; às mulheres cabe o ofício de raspar a mandioca, preservando a tradição artesanal, ainda que, muitas vezes, sem plena consciência dos impactos ambientais e das contradições socioeconômicas que atravessam esse fazer.

Os primeiros raios de sol iluminam as trabalhadeiras enquanto se debruçam sobre as raízes organizadas conforme a lógica do estabelecimento. Cada raspadeira recebe sua porção de mandioca. Enquanto descascam, o gado próximo parece pressentir o alimento que virá das raspas frescas. A cena compõe uma paisagem viva, onde natureza e trabalho se interpenetram.

Durante a visita, acompanhamos o processo produtivo — da raspagem à torrefação — e, em diálogo com o proprietário, percebemos como aspectos socioculturais e socioambientais se fazem presentes na prática cotidiana. Apesar das pressões do desenvolvimento econômico que alcançaram o campo, persiste o desejo de continuar produzindo cultura e sustentando modos de vida.

Nesse contexto, os imaginários sociais emergem como força vital. Conforme aponta Enrique Leff (2016), os imaginários constituem reservatórios de vida e esperança diante da crise ambiental, possibilitando que os sujeitos reinventem seus modos de existir. Não se trata de negar a modernidade, mas de dialogar criticamente com ela, integrando saberes tradicionais e conhecimentos científicos.

A manipueira — líquido extraído da mandioca —, por exemplo, é armazenada por três dias antes de ser utilizada como alimento para o gado ou fertilizante para o solo. Observa-se, nessa prática, a transformação da informação em conhecimento pertinente à vida, conforme propõe Edgar Morin (2003). A sabedoria da experiência dialoga com exigências contemporâneas de responsabilidade ambiental.

Entretanto, a modernização trouxe mudanças significativas. Se antes todo o processo era manual — da retirada da mandioca à torrefação em forno a lenha —, hoje a casa de farinha conta com equipamentos como raladeira, peneiradeira, prensa e forno mecanizado. A tecnologia ampliou a produção e a lucratividade do proprietário, que buscou adaptar-se às exigências do mercado.

Todavia, essa transformação não se distribui de forma igualitária. As mulheres que raspam a mandioca recebem apenas R\$ 1,00 por quilo descascado. Para aumentar a renda, saem de casa antes das quatro horas da manhã. A cena remete ao poema “*Tecendo a manhã*”, de João Cabral de Melo Neto, quando afirma que “um galo sozinho não tece uma manhã”. Assim também essas mulheres, coletivamente, rompem o silêncio da madrugada e anunciam a aurora com o trabalho de suas mãos.

Instala-se, então, uma contradição evidente: enquanto a modernização favorece o proprietário, os trabalhadores continuam vendendo sua força de trabalho sob condições precárias. As relações de produção revelam a permanência da lógica de extração de mais-valor, característica do sistema capitalista, no qual o trabalho transforma-se em mercadoria.

Essa realidade não é nova. Obras como *Os Corumbas* já evidenciavam, no início do século XX, a exploração do proletariado submetido a jornadas exaustivas e condições indignas. A dinâmica observada na casa de farinha atualiza, em outra escala, essa mesma estrutura de subordinação.

Para Carlos Frederico Loureiro (2006), a superação dessas desigualdades exige uma educação ambiental crítica, comprometida com a transformação social e com a ação coletiva. Não basta harmonizar discursos sobre sustentabilidade; é preciso enfrentar as contradições históricas e as relações de poder que naturalizam a exploração.

Ao revisitar esse espaço — cenário de minha infância — percebo que ele é simultaneamente lugar de memória, cultura e tensão social. Ali ecoam os sons da carroça, do motor, do gado, das lendas narradas entre uma tarefa e outra. Fantasia e realidade coexistem, como em *Dom Quixote*: a imaginação embala a vida, mas a materialidade das relações de trabalho impõe seus limites.

A casa de farinha é, portanto, território de resistência e contradição. Nela, tradição e tecnologia se encontram; sustentabilidade e exploração se tensionam; cultura e capital disputam sentidos. É nesse entrelaçamento que os imaginários da sustentabilidade e do bem viver emergem como possibilidade de reconstrução de mundos mais justos.

CAPÍTULO II

**O diálogo entre saberes:
uma via de transformação
de realidades**



Tudo começou em uma manhã ensolarada, quando a professora-pesquisadora, acompanhada dos alunos da 3ª série C e do professor de Física, Antônio, realizou uma visita à casa de farinha do povoado Mulungu, no município de São Domingos/SE. O objetivo era investigar como se dá o descarte da manipueira – líquido extraído da mandioca – e compreender as consequências socioambientais quando esse procedimento não é realizado de forma adequada.

Durante a visita, o proprietário foi questionado pelos alunos acerca do destino dado à manipueira. Em sua resposta, explicou que, em sua casa de farinha, o líquido é armazenado em caixas d'água por três dias, período necessário para reduzir sua acidez. Após esse tempo, é reaproveitado tanto como alimento para o gado quanto como fertilizante para o solo.

Estudos mostram que o descarte da manipueira, quando realizado de forma inadequada, pode causar danos ao solo; por isso, aqui ela fica três dias descansando nas caixas d'água, porque é ácida. Depois disso, serve de alimento para o gado e também como fertilizante. (PROPRIETÁRIO DA CASA DE FARINHA, 2025).

A fala do proprietário evidencia que o saber ambiental não se restringe ao espaço acadêmico. Conforme aponta Enrique Leff (2001), o saber ambiental emerge da prática cotidiana e da experiência concreta dos sujeitos em seus territórios. Nesse sentido, a educação ambiental já estava presente naquele espaço antes

mesmo da chegada da escola — inscrita na vivência, na observação e na responsabilidade com o ambiente.

Percebeu-se que tal conhecimento contribuiu para a sensibilização e conscientização não apenas do proprietário, mas também das pessoas que trabalham naquele ambiente de encontro e produção. Mesmo em meio à simplicidade e à humildade, sua postura revela uma atitude que converge para a transformação humana e social. Trata-se de um espaço onde o saber ambiental brota do fazer farinha da raiz de mandioca — cultura que tece o fio da vida de muitas famílias que dali retiram seu sustento.

A atividade integrou o Projeto de Ação Pedagógica desenvolvido com os alunos do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro e evidenciou o compromisso da escola com as transformações sociais. Ao extrapolar os muros da sala de aula, a educação assume caráter coletivo e emancipatório, promovendo mudanças nos imaginários sociais e nas formas de compreender o mundo.

Acreditamos que educar implica dialogar com os ambientes físico e social, estabelecendo conexões profundas com a realidade. Ao aproximar os estudantes de textos literários e experiências concretas, buscamos potencializar o sentimento de pertença, o respeito ao território e a responsabilidade socioambiental. Tal movimento remete à ideia de Carlos Drummond de Andrade de que ciência e senso comum não são esferas antagônicas, mas dimensões que podem caminhar juntas na construção de um futuro mais equilibrado e justo.

Ressaltamos, portanto, a importância do diálogo entre saberes para o enfrentamento das questões ambientais, tanto nos espaços formais quanto nos informais de educação. Reconhecemos que muitos problemas ambientais são também fruto de práticas culturais naturalizadas em nosso cotidiano. Assim, ações individuais e coletivas podem contribuir tanto para o equilíbrio quanto para o desequilíbrio socioambiental.

Por essa razão, optamos pela interdisciplinaridade como estratégia metodológica, potencializando o processo de ensino-aprendizagem e buscando mitigar impactos ambientais. A sustentabilidade do planeta não se constrói apenas por discursos, mas por práticas concretas, articuladas ao contexto vivido e sustentadas por uma educação crítica e transformadora.

VOZES QUE AMANHECEM: A METÁFORA DO GALO EM “TECENDO A MANHÃ”

O poema “*Tecendo a Manhã*”, de João Cabral de Melo Neto, afirma que “um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisa de outros galos”. A metáfora presente no poema permite compreender que o amanhecer é fruto de uma construção coletiva.

De modo análogo, os trabalhadores da casa de farinha assemelham-se a esses galos que anunciam a aurora: despertam às quatro horas da manhã para tecer o fio da vida que alimenta suas famílias — muitos de seus filhos, inclusive, estudantes do CEER. Nesse movimento cotidiano, observamos que, sobretudo as mulheres, ao descascarem a raiz da mandioca, percebem aquele espaço não apenas como local de trabalho, mas como lugar de encontro e extensão de suas próprias casas. Seus imaginários sociais, os vínculos estabelecidos com os demais trabalhadores e seus modos de vida encontram-se profundamente atrelados ao desenvolvimento de sua cultura na feitura artesanal da farinha.

A proposta de trabalhar o referido poema em sala de aula teve como objetivo sensibilizar os alunos acerca da problemática do descarte inadequado da manipueira e de seus impactos ambientais, promovendo a reflexão sobre como essa questão pode ser mitigada por meio da tomada de decisão consciente e da mudança de comportamento. Nesse sentido, reforçamos a importância de

nos reconhecemos como parte integrante da natureza, conforme aponta Costacurta (2022), compreendendo que nossas ações cotidianas produzem efeitos concretos no meio em que vivemos.

Dessa forma, entendemos ser necessário estender a discussão sobre o manejo adequado da manipueira às famílias dos discentes, considerando que grande parte delas é composta por agricultores que atuam diretamente nas casas de farinha. A educação ambiental, portanto, ultrapassa o espaço escolar e dialoga com o território vivido.

A análise do poema evidenciou que o processo de sensibilização deve ser construído coletivamente. Nossa intervenção, enquanto observadores e mediadores da realidade, contribuiu para fomentar o debate e para reconhecer que o diálogo entre saberes é essencial, uma vez que a ciência não constitui a única forma legítima de representação do mundo. Como defendemos neste plano de ação, é preciso ampliar as formas de conhecimento, valorizando saberes mais flexíveis e contextualizados, além de desenvolver a capacidade de sentir e perceber as necessidades de nosso “chão”, de nosso lugar.

Em roda de conversa realizada com aproximadamente 30 alunos participantes do projeto, observamos elevado nível de engajamento e participação. Dos 30 estudantes, 26 contribuíram ativamente com discussões e produções que culminaram na construção de um mural coletivo. Entre os trabalhos elaborados, destacaram-se poesias, desenhos e histórias em quadrinhos (HQs), representando desde o plantio da mandioca até sua transformação na casa de farinha e posterior comercialização.

As produções revelaram a potência de uma educação que se pretende emancipatória — aquela que articula teoria e prática, literatura e território, reflexão e ação. A seguir, apresentamos os textos produzidos pelos estudantes, que evidenciam o alcance formativo dessa experiência.

RELATOS DA AÇÃO PEDAGÓGICA: VOZES DOS ALUNOS - REFLEXÕES E APRENDIZADOS, FRUTOS DO CONTATO COM OS MORADORES DA CASA DE FARINHA

ALUNO: 1

AÇÃO PEDAGÓGICA

Produzindo o meu, o seu, o nosso Futuro.

De geração em Geração
Permanece a Produção
É das 4 horas da manhã
Que surge a motivação
O suor escorrendo no rosto
Trás a tona o esforço e o gosto.
Produzindo a farinha.
Espero o sucesso da família minha
Com a Produção nas alturas
Estamos Transportando nossa cultura
O suor cai do rosto
Enalticendo nossa bravura.
A manipueira em seu descanso
Espera 3 dias Pelo seu Avanço
Com essa Produção doida
Temos surgido novas Vidas
Com esse descanso
O descarte adequado gera Vida,
Gera significado
Gera um solo renovado
Para assim
A cultura novamente renascer



ALUNO: 2**AÇÃO PEDAGÓGICA****A ansiedade é exaltante**

Antes do sol nascer, as raspadeiras
já estão a correr, muitas vezes até
madrugando para poder ter o que comer
O sono tocando uma melodia de se
hipnotizar, mesmo assim não podem se
deixar levar, guerreiros que lutam contra o
frio e o sono, para poder sustentar aqueles
pequenininhos que ainda não sabem andar.
O esforço é o preço que eles tem a pagar
para que haja vida e família no lugar.
suor é o sabor da angústia do trabalhador,
implorando que o sucesso venha e acabe a dor

ALUNO: 3**AÇÃO PEDAGÓGICA****A Produção de farinha**

Sob o sol escaldante, ergue-se a casa de farinha,
Onde a mandioca, valente, se tranforma em vida,
O cheiro no ar se espalha, O trabalho cansativo, com
a mãos calejadas, a batalha, faz-se a farinha com amor.
As Raspadeiras, valentes, saem das suas casa antes do amanhecer
para fazer a raspagem, Revelando o tesouro que a terra dá.
Cada raspada é um jeito de amor, A tradição passa de mãe pra filha
E as raspadeiras são mais ferramentas são simbolos de luta e tantas histórias
marcantes.

ALUNO: 4**AÇÃO PEDAGÓGICA****A vida na casa de farinha**

Numa calma madrugada
 Sem muito alarde
 O vento aparece
 Pela madrugada fria e escura
 As mulheres vão até a casa de farinha
 Belas risadas ecoam entre amigas e irmãs
 Celebram a vida com boas conversas e gargalhadas
 Oh casa de farinha, teu legado é eterno
 Em cada tonelada brota economia
 Brota cultura, brota sustento.
 Assim segue o ciclo, da terra à memória,
 A casa de farinha é a parte da história.
 Uma fabrica de valores que nunca se apaga,
 Onde o simples se torna algo (rasura) inacreditavel.

ALUNA: 5**AÇÃO PEDAGÓGICA****“Amanhecer à luz do dia”**

Ao longo do dia, o céu levantar
 Como fez-se o mundo egue-se
 Com ele, os funcionários acorda-se
 Ao ver a lenha se queimar.
 As raspadeiras inicia o trabalho
 As máquinas continua a fazê-lo
 No final o que sobra é utilizado
 Para a alimentação e para o solo.

 Onde fica um tempo nos reservatórios.
 Sendo através da união,
 Indo para outros funcionamentos.
 A renda vem através dos usos
 Todos unidos fazendo sua parte,
 Onde a produção vai aos mercados.
 Andressa Nascimento

ALUNO: 6**AÇÃO PEDAGÓGICA****Uma raspadeira de mandioca sozinha não tece uma farinhada**

Ela precisará sempre de outras raspadeiras
De um que rele a mandioca que coloque-la na prensa
De outro que a leve ao forno que a penere e ou-tro a ensaque.
E se encorpendo se tornam produtores
Da doce amada farinha de mandioca
Desde manhã cedo elas geram vidas para as famílias
Geram fonte de renda que gira a economia do município
Oh... coisa boa é a farinha de mandioca.
Da manipueira se gera o fertilizante para o solo
um fortificante para que a outra demanda da mandioca
cresça fortemente gerando em si mais uma fari-nhada
E mais uma fonte de renda para girar a economia do município
São Domingos da farinha de mandioca.

ALUNO: 7**AÇÃO PEDAGÓGICA**

Desde de quando a mandioca
sai da terra.
É transportada para outros municípios, casas de farinha.
Ela passa por um processo de raspagem logo em seguida é ralada e vai para a
prensa, e cevadeira logo depois vai
ao forno, e depois é vendida para os mercados.
Na madrugada fria elas sai para
trabalhar, raspa, raspa e nada de
acabar, o dianoitese e novamente
pega a esfriar, as mãos calejadas
e elas continuam sem parar e ainda
todas falam que amam trabalhar.
É na luta que vem a glória!
É na mandioca que vem o tustão.

ALUNO: 8

AÇÃO PEDAGÓGICA

Tecendo o fio da vida

Na madrugada fria, em silêncio a caminhar,
As raspadeiras seguem, o dia a preparar.
Com mãos calejadas, a mandioca a raspar,
Tecem o amanhecer, sem tempo de parar.
O brilho do orvalho, a luz antes de raiar,
Testemunha o esforço, o trabalho a pulsar.
Cada gesto é um verso, um poema no ar,
Raspam a raiz, fazem a vida brotar.

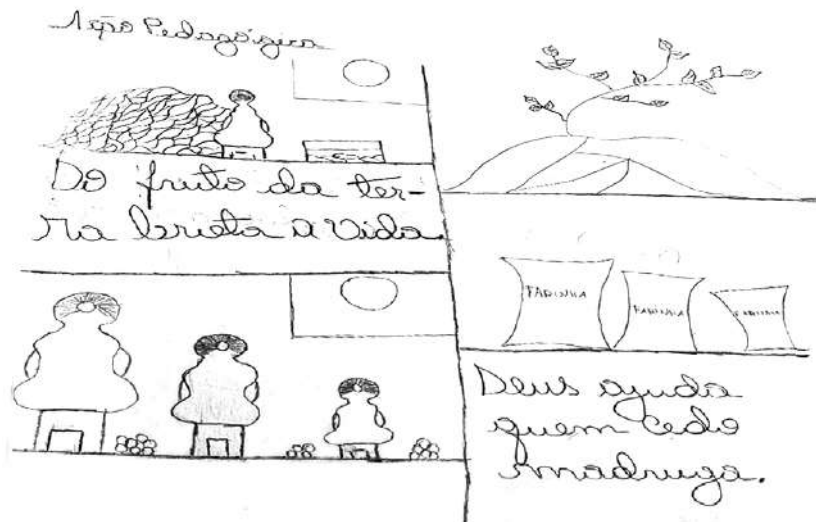
E quando o sol desponta, nasce o alvorecer,
Nas cestas cheias, o fruto do seu fazer.
Nas madrugadas, tecem o futuro com fé,
Raspando mandioca, erguem o dia de pé.
O vento sussurra entre sombras e chão,
E elas, de olhos atentos, seguem a missão.
Mandioca em mãos, com ritmo e suor,
Criam o sustento, um trabalho maior.

Cada raspada é história, memória a brilhar,
Ciclos de vida, em silêncio a cantar.
Com dedos precisos, moldam o porvir,
Na escuridão da noite, fazem o dia surgir.
E quando o primeiro raio beija o amanhecer,
O campo resplandece no brilho de seu fazer.
São elas, as tecelãs de um novo renascer,
Que, na raiz e no esforço, fazem o dia crescer



REGISTROS GRÁFICOS DA PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS CASAS DE FARINHA

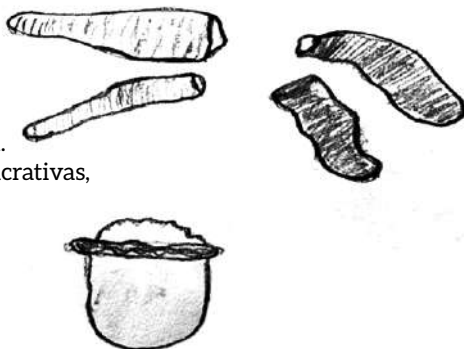
Aluno 9



Aluno 10

"O ciclo da mandioca"

Em uma simples cova
há uma semente,
nessa semente a ser plantada
gera uma planta,
uma planta chamada mandioca.
Nela gera diversas atividades lucrativas,
como a farinha, tapioca,
manipueira e a raspa,
Para gerar economia para os
proprietários e familiares.

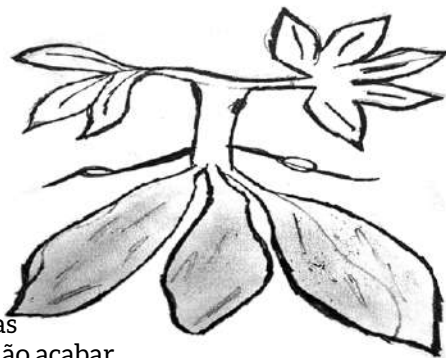


Aluno 11

Em madrugadas
com o galo a cantar
As mulheres saem de
seu lar para lutar.
Vão a casa de farinha
Garantir o seu sustento
elas raspam, e raspam
sem parar.

Enormes, e Enormes fileiras
De mandioca, que olham e parece não acabar..

Desde madrugada, até o
Amanhecer, batalham para sobreviver.



Aluno 12



Aluno 13

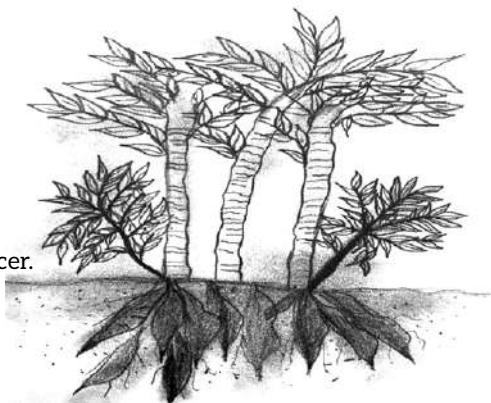
"Sabor da Terra"



Na casa de farinha, a vida é sabor,
Doce como o Tempo que passa com amor.
A mandioca dança sob as mãos do
Trabalhador,
E cada grão moído traz um pouco de calor.
Canto das aves e cheiro do chão,
É festa na roça, é pura emoção.
Com farinha na mesa a união se faz forte,
É na casa de farinha que se celebra a sorte.

Aluno 14

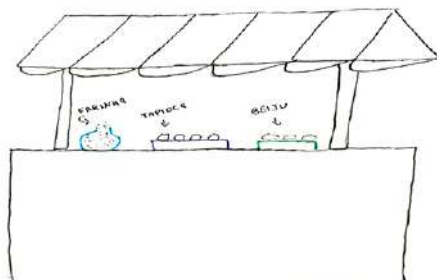
Raiz da vida.
Na raiz da vida e
da mandioca
planejo o sustento
familiar
Para que meu filho
tenha um futuro
E uma mãe
para se orgulhar
Acordo todos os dias antes do sol nascer.
para trabalhar e sustento ter.
Na farinha encontro
renda de um suor salgado.
Pois não tive estudo e
o trabalho se tornou pesado.



Aluno 15

AÇÃO PEDAGÓGICA

Cultura viva



Na terra verde, onde o sol brilha,
Cresce a mandioca, tão habilidosa.
Com raízes profundas, forte e resiliente,
Alimento precioso, para todos presentes.
Homem do campo, com mãos calejadas,
Cultiva com carinho, essa planta abençoada.
Na tapioca, no tucupi, no beiju.
A mandioca é amor, em cada unidade.
No Nordeste, seu berço verdadeiro,
É cultura viva, em cada canto
Fonte de vida, em cada comunidade
A mandioca, nosso tesouro nacional

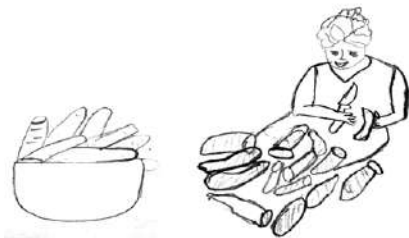


Aluno 16



Na floresta tropical,
onde o sol brilha forte,
Há uma lenda antiga,
Da mandioca, a fonte.
Ela cresce no solo fértil,
E nutre o povo indígena,
Com sua raiz doce e vital,
E seu poder medicinal.
A mandioca é um tesouro,
uma dádiva da terra,
E na lenda da mandioca,
Ela é venerada com fervor.

Aluno 17



Das mãos, do dono, um carinho
profundo,
Te arranca da terra, dá vida
ao mundo.
Raspando a mandioca, o labor
se inicia,
Em cada movimento, a herança.
se cria.
Cultura enraizada, a essência preservada,
Às mulheres do campo, a alma é dedicada

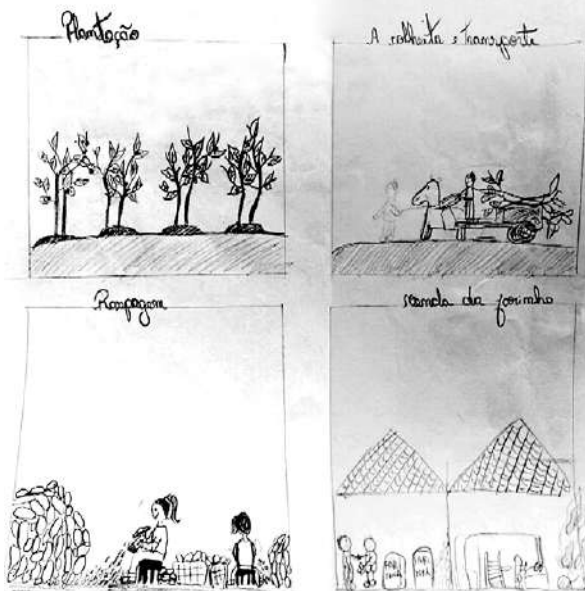
Aluno 18

Farinha de mandioca, pão do chão sagrado
do labor da terra, o fruto esperado nos
campos, Do fruto da terra brota o sustento
da nossa cidade, entre mãos calejadas, começa a transformar.
Transformam vidas, transformam madrugadas
em dias de trabalho, de onde vem nossa eco-
nomia, assim como um galo tece o amanhã
mulheres buscam assim tecer.

Tecer assim o sustento de seus filhos
que buscam estudar para assim orgulho dar.



Aluno 19



Aluno 20

A cultura que desponta das casas de farinha

O trabalho começa cedo,
 Antes do sol nascer no céu.
 O fogo na fornalha aceso,
 A mandioca cai no chão cruel.
 A farinha nasce devagar.
 Não é mágica, é mão calejada.
 Dia após dia, sem descansar,
 A vida dura é batalhada.
 O rapaz cuida da prensa,
 E as mulheres são poesia.
 Mesmo com seu rosto suado,
 O trabalho levam com alegria.
 O sol finalmente se recolhe,
 Então o trabalho está finalizado
 Mas tudo começa de novo,
 Quando no outro dia ouvirem
 o galo cantar.



Aluno 21

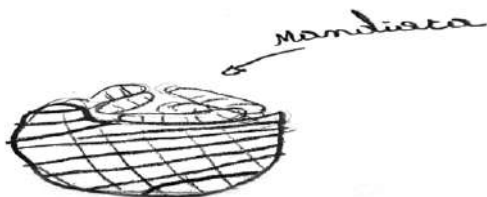
AÇÃO PEDAGÓGICA

Do fruto da terra brota a economia.
do fruto da terra surge a esperança.
Surge a esperança e força de von
tade.
farinha de cada dia
farinha que mata a fome
farinha que traz o sustento de muitos.

Aluno 22



Aluno 23



Na casa de farinha, o cheiro é encanto,
 Mandioca na brasa, o trabalho é um canto.
 A roda gira firme, a vida a fluir,
 com mãos calejadas, se ensina a existir.
 O sol se levanta, a canoa à beira,
 O riso da gente, alegria verdadeira.
 Farinha que brota da terra molhada,
 é história e memória, raiz consagrada.

Aluno 24



Do fruto da terra brota o sustento de muita família.
 Cresce a economia do município pois ela cresce no solo e doa a vida.
 muitas pessoas trabalham em roça

plantando a mandioca as vezes chovendo
 ou até mesmo no sol quente mais não
 param pois tem que levar o sustento
 para casa, outros acordam entre 3 e
 4 horas da madrugada para ir para
 casa de farinha.

Portanto, com o Projeto de Ação Pedagógica que desenvolvemos na casa de farinha do povoado Mulungu, em São Domingos/SE, foi perceptível que a educação ambiental de cunho emancipatório e transformador ocasiona mudanças tanto individuais quanto coletivas (alunos, proprietário e trabalhadores da casa de farinha), já que está comprometida com as transformações sociais (descarte adequado da manipueira). Afinal, nossas ações possuem um caráter coletivo que visa à emancipação no que tange à mudança de vida, à transformação das realidades e, por que não dizer, dos imaginários sociais das comunidades.

Percebemos, aqui, uma educação que busca a libertação da alienação historicamente estabelecida – seja ela individual ou coletiva –, uma educação “livre de toda peia”. Entendemos que a centralidade dessa prática inovadora reside no empenho em trabalhar seja as questões objetivas (a produção da farinha) ou as subjetivas (o tecer do fio da vida e a construção de memórias). Buscamos, assim, a ação e a reflexão sobre as questões que atravessam não só o modo como nos organizamos em sociedade, mas também os aspectos históricos, econômicos e socioambientais, pois acreditamos que é por meio da educação que os sujeitos podem se transformar e modificar o mundo que os cerca.

Imagem 01: Registros da Ação Pedagógica





Fonte: autoria própria, 2025

CAPÍTULO III

A importância do
trabalho Pedagógico
centrado na Leitura -
Desdobramentos
e Reflexões



LEITURA: LUGAR DO ENCONTRAR-SE COM A VIDA- UMA REALIDADE EXPERIENCIADA NO LUGAR DE ENCONTROS

“**L**er é se encontrar com a vida” (Cereja, 2005, p. 8). Essa passagem, grafada na obra *Ensino de Literatura* (uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura), revela-nos o verdadeiro significado da leitura: o encontro com a vida em seus diversos aspectos atemporais. Dentro dessa perspectiva, compreendemos que a leitura das experiências de vida — e aqui nos referimos à realidade das casas de farinha — e sua conexão com textos literários trazem à luz a reflexão acerca dos fatores socio-culturais, socioeconômicos, sociopolíticos e socioambientais que estão imbricados nos contextos e intertextos das obras da literatura brasileira, seja em prosa ou em verso.

Interpretar. Compreender. Aprender e apreender. Fatores que se coadunam com o que afirma Lajolo (1993, p. 2): “ler é também interpretar os signos do mundo.” Interpretá-los a partir das experiências de quem se é, tendo como ponto de partida aspectos que estão conectados às ações embebidas das experiências cotidianas que constroem a vida. Essa dinâmica ocorre tanto no encontro com a realidade tocada, vivida e construída desde o amanhecer nas casas de farinha, quanto na construção de quem se é por meio do processo de ensino-aprendizagem, o qual nos aponta caminhos no desenrolar das facetas que constituem a condição humana no espaço escolar.

Por isso, ao discutirmos leitura e educação, refletimos acerca da construção do conhecimento pertinente que valoriza o contexto, o global, o multidimensional e o complexo (Morin, 2003). Ainda segundo esse pensamento, ao fomentarmos essa construção, levamos em consideração que o conhecimento não apenas

reflete a realidade, mas se dá em meio à compreensão da complexidade que a era planetária impõe à educação do século XXI, à integração do indivíduo/sociedade/espécie e à capacidade de reconhecermos que a unidade e a diversidade são elementos constitutivos da nossa condição humana.

Ao reconhecermos essa condição, entendemos que a educação contemporânea reclama uma postura que dialogue com a perspectiva de que o conhecimento retira as “cegueiras” do educando. Buscamos, assim, levá-lo a compreender, relacionar e a refletir sobre diversas situações-problema de seu contexto (realidade experienciada na casa de farinha de seu lugar), bem como instigá-lo a questionar o próprio conhecimento, a valorizar as experiências de vida e a dialogar com as tessituras sociais por meio do diálogo entre os saberes (Morin, 2003).

Fomentar essa prática é buscar envolver o corpo discente na travessia do processo de ensino-aprendizagem; é dar-lhe voz e vez; é proporcionar uma aprendizagem significativa. Isso acontece à medida que participa dessa dinâmica fazendo uma conexão entre o que é experienciado na realidade cotidiana (casas de farinha) e o contato com o universo literário trabalhado no ambiente escolar (seja em poesia ou prosa). Esse transitar pelo conhecimento tradicional (senso comum) e o científico (sistematização do sistema educacional), faz-nos considerar que o saber ambiental presente nos sujeitos faz parte e se integra com o meio físico e social (Leff, 2001).

A construção do conhecimento, a partir da conexão entre os saberes, desemboca no princípio da transdisciplinaridade. Ao estimularmos essa dinâmica, amparados por Piaget (1976), possibilitamos ao aprendente o diálogo com o método interativo. Trata-se de uma dinâmica que presenciamos junto ao corpo discente do CEER quando estiveram em contato com os trabalhadores da casa de farinha; ali, na interação com o meio, os alunos construí-

ram conhecimento ao elaborarem poemas belíssimos. Por meio desse contato, os discentes tornam-se protagonistas do processo, já que a interação com a realidade concreta modifica, amplia, cria e recria, constrói e reconstrói, incorporando novos significados à aprendizagem.

Essa construção, quando alicerçada na literatura (pela análise de poesias baseadas na observação da realidade local), permitiu-nos realizar a travessia da disciplinaridade à transdisciplinaridade, à medida que a aprendizagem se tornou pertinente para o aluno. A conexão com o meio trouxe à tona as subjetividades e o potencial criador dos participantes da pesquisa. Assim, as experiências aguçam a sensibilidade, e novos significados emergem dessa sintonia estabelecida com a realidade tocada, sentida e experienciada no lugar de encontros: a casa de farinha.

Tocamos essa realidade por meio da Ação Pedagógica que realizamos no Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, em São Domingos/SE, onde os alunos analisaram aspectos socioculturais, socioeconômicos e socioambientais. A visita *in loco* à casa de farinha do povoado Mulungu, proporcionou o contato direto com o ambiente e o diálogo com os imaginários sociais locais. A partir dessa interação, reconstruíram conhecimento ao produzirem poesias sobre a dinâmica da produção de farinha, inspirando-se no poema “*Tecendo a manhã*,¹” de João Cabral de Melo Neto.

¹ O poema “*Tecendo a manhã*” de João Cabral de Melo Neto, neste contexto, é utilizado metaforicamente para simbolizar que assim como um galo sozinho não anuncia a entrada dos raios do Sol que rasga o véu do tempo trazendo energia e esperança de um novo dia, também, os trabalhadores da casa de farinha não produzem cultura de forma isolada. Para a produção da farinha que se dá de forma artesanal, eles se dão as mãos desde o momento que a mandioca é retirada do solo, o transporte, a raspagem, a moagem, a secagem e, por fim, até o momento que é levada ao forno para se transformar em alimento.

Eis a construção do conhecimento e o “encontrar-se com a vida.” Aqui, os estudantes relacionaram o trabalho de seus familiares com vários aspectos imbricados nas obras literárias apresentadas. Assim como os galos anunciam a chegada da manhã, percebemos que os trabalhadores da casa de farinha fazem despontar a “raiz da vida” pela via da mandioca cuidadosamente descascada. Dessa dinâmica desponta a metamorfose e a construção do ser autopoietico na explosão do protagonismo estudantil.

METAMORFOSE E AUTOPOIESE: CONSEQUÊNCIAS DE UM TRABALHO VOLTADO PARA O PROTAGONISMO ESTUDANTIL

O trabalho pedagógico desenvolvido a partir da apresentação de seminários, peças teatrais, dança, elaboração de poesias, pelos próprios alunos, declamação e construção de cenários, fizeram com que o corpo discente não apenas aprendesse, mas também apreendesse de forma pertinente. Entendemos que essa interação entre o meio físico e as leituras os conduziram à construção do conhecimento significativo (Cereja, 2005), contribuindo para que participantes da pesquisa se transformassem em seres autopoieticos — verdadeiros protagonistas do processo de construção e desconstrução de realidades.

Ressaltamos esse aspecto dialógico amparados em Cereja (2005), quando o autor reitera que o leitor deve ser considerado um agente ativo no processo de leitura e de interpretação do texto, levando em conta a realidade social e cultural. Por esse motivo, defendemos que o ensino de Literatura deve partir desse diálogo para refletir e estabelecer conexões entre as questões que integram sociedade e meio ambiente (compreendido aqui como a realidade local).

À luz do pensamento de Akiko (2008), essa postura educacional é uma busca da contemporaneidade, a qual reclama uma nova conduta pedagógica capaz de resgatar o “elo perdido,” ocasionado pela fragmentação do conhecimento. Daí a importância de construirmos essa “religação” por meio da participação ativa dos alunos e do diálogo entre os saberes, promovendo a “ecologia da ação.” Nesse contexto, percebemos que a realidade da casa de farinha – espaço fundamental da cultura local – nos ofereceu uma oportunidade única para que os alunos explorassem temas ambientais e socioculturais de forma prática e significativa, em constante diálogo com a literatura regionalista, que representa ricamente a cultura e a relação com a terra.

A identidade se constrói seja no contato com as experiências ou na interação com o outro de forma dinâmica e contínua (Bauman, 2012). Consideramos que o autor tem razão; por isso, o trabalho pedagógico que se desenvolve a partir dessa interface prima por uma construção flexível. Aqui, o aluno permite-se ser, revelando seus sentimentos e emoções à medida que produz conhecimento sendo quem é, conforme percebemos nesta narrativa:

Minhas experiências com o Sarau literário foram marcadas por descobertas, emoções e trocas de conhecimento[...] Ao apresentar minha leitura, senti que não estava apenas compartilhando palavras, mas transmitindo sentimentos e interpretações construídas ao longo do processo. Ouvir as apresentações dos colegas também me proporcionou novas perspectivas, mostrando como cada leitor transforma o texto de maneira única. O sarau se tornou, para mim, um espaço de expressão, liberdade e fortalecimento do hábito de ler. Foi vivência enriquecida que contribuiu para o meu crescimento pessoal e literário (ALUNO C, 3ºD, 2025).

A percepção desse aluno revela uma construção cultural e identitária que se dá, paulatinamente, no contato com seus pares. Esse aspecto da aprendizagem dialoga com a autopoiese, isto é, o processo de aprendizagem valida-se a partir da conexão entre o que já se sabe e o novo que se apresenta. Resultado da conexão vivenciada pelo estudante e seu entorno. O que contribuiu para a valorização e o reconhecimento do educando diante da realidade que o cerca. O trecho a seguir reitera essa dinâmica:

[...], A partir da leitura de obras como *Vidas secas*, nos proporcionou experiências, com a metodologia da mesa Redonda, de vida durante esse ano letivo, a principal obra que fez eu como um aluno, que tinha que acordar às 2:00 da madrugada para trabalhar, foi *vidas secas*, com Fabiano, um homem bruto fruto de múltiplas experiências negativas, uma vida que percorre a fome a fraqueza de uma região. Essa miséria material, além da simbólica[...] (ALUNO D, 3ºB, 2025).

Conforme esse depoimento, observamos o quanto a narrativa de *Vidas Secas* se assemelha a muitas realidades Nordeste afora, inclusive no interior do estado de Sergipe, no município de São Domingos/SE. Ao relatar que desperta às 02h para o trabalho, o discente reconhece a conexão entre a realidade sentida e a trama da obra, a qual o permitiu mergulhar em si mesmo e identificar que, à semelhança de Fabiano — protagonista da obra-prima de Graciliano Ramos —, muitos de seus familiares buscam em outras regiões melhores condições de existência, visto que em seu município escasseiam as oportunidades. De acordo com essa percepção, migrar, apresenta-se, muitas vezes, como a única solução:

Essa procura por uma vida melhor que ocorre, ainda nos dias atuais, familiares que viajam para outros estados em busca de melhores condições de moradia e trabalho, já que

a nossa Região, São Domingos, uma pequena cidade que não possui grandes oportunidades de emprego, a única opção é a mudança de estado da mesma forma que fabiano e sua família...](ALUNO D, 3ªB, 2025).

Tal percepção coaduna-se com a dinâmica que desenvolvemos em sala de aula durante as apresentações dos seminários e as discussões em mesas-redondas. Naquelas ocasiões, com o intuito de instigar os discentes, lançamos mão das reflexões de Lajolo, para quem “ler é interpretar os signos do mundo”, e de Cereja, que reitera ser a leitura um “encontrar-se com a vida”. Naquele momento, por meio de debates, buscamos auscultar o âmago de seus imaginários culturais e conduzi-los à reflexão — no sentido de trazer à tona as realidades presentes nas obras literárias estudadas e conectá-las às suas próprias vivências.

Dessa forma, visamos proporcionar que os alunos pudessem se encontrar, se reconhecer e relacionar as narrativas das leituras realizadas com o seu cotidiano sociocultural e socioeconômico. Além disso, trabalhamos para que as realidades tocadas, sentidas fossem associadas às suas experiências, por intermédio das leituras e dos debates, e para que se transformassem em memórias profundas e duradouras. As passagens seguintes demonstram que alcançamos esse objetivo:

Antes do livro Vidas Secas, eu enxergava a realidade do sertão apenas como um tema distante, algo que eu conhecia superficialmente pelos livros escolares...[Depois de Vidas Secas, passei a ser mais sensível às questões sociais e a refletir mais sobre empatia. O livro não apenas ampliou meu conhecimento literário, mas também me fez crescer como pessoa, despertando em mim um olhar mais humano, crítico e consciente da realidade ao meu redor...]Por meio das mesas redonadas e da culminância do Sarau Li-

terário passei a valorizar mais a minha vida, porque tenho coisas em minha vida que os personagens de Vidas Secas não tinham (ALUNO E, 3ºD, 2025).

Ou ainda:

Após a mesa redonda e o seminário, onde se reuníamos para fazer apresentações sobre as obras, a professora comentava como tinha sido as apresentações, além de um diálogo que nós fazia refletir e repensar a nossa vida como estudantes e pessoas. Essa experiência que será inesquecível, uma memória que ficara eternizada, pois cada momento, cada segundo em que nos empenhávamos mais e mais para aprendermos, e algo que será levado para a vida inteira, agradeço a ela por todas essas oportunidades incríveis de leitura que nunca esquecerei. (ALUNO D, 3ªB, 2025).

Esses depoimentos reiteram o que afirma o renomado educador Paulo Freire (2023), ao trazer à tona a discussão de que a leitura não é apenas um instrumento de libertação, mas também um meio pelo qual a compreensão crítica se dá a partir do contexto no qual estamos inseridos. Tal processo promove a reflexão e o desenvolvimento da consciência crítica para transformarmos nossa realidade por meio de nossos modos de agir e de pensar. Consideramos esses pontos como aspectos positivos que ratificam a construção de um conhecimento que tem como centralidade o diálogo entre os saberes e a busca incessante pela tríade ação-reflexão-ação, a qual nos possibilita a travessia da disciplinaridade à transdisciplinaridade.

Com os poemas a seguir, demonstramos o quanto a leitura possui o poder de elevar o potencial criador do educando, o quão importante o é possibilitar a reflexão e a criticidade pela via de um trabalho pedagógico que prima pela transformação/

construção do ser. Observamos que essa construção revela o viés centralizador do processo de ensino-aprendizagem que defendemos: romper com a prática da fragmentação do conhecimento que modela o modo de pensar dos sujeitos (Akiko, 2008). A seguir, dois poemas construídos pelos alunos, por meio dessa dinâmica, revelam o quanto é gratificante colher os frutos de uma metodologia que prima pela busca incessante de uma educação de cunho libertador e transformador. Vejamos:

Aluno 1	Aluno 2
vidas secas em mim vidas secas reinou dentro de mim E sempre reinará, Pois o que aconteceu com eles No sertão sempre ocorrerá. Em um sertão seco, sempre sem água e sempre com sede Tipo um oceano sem fim, tipo uma casa sem parede. Eles só queriam conseguir vencer, e alcançar a meta Que era sair daquela situação severa. Era tão judiados que não tinham nem cama para dormir E nem uma comida para comer para passar as suas fomes. Aí meu deus que triste vida ruim, eram tão coitados que não souberam ser feliz Era uma família muito pobre que não comia nada A sorte era uma cachorra que sempre ajudava. Por isso não reclamo do que eu tenho E nunca vou reclamar Pois o que eu tenho hoje todos eles queriam conquistar.	Vida Seca Caminhava nesse velho sertão, sem rumo, nem direção, fugia da seca, da miséria, e da cruel escravidão. O gado morria de sede, a lavoura não dava um grão, o chão rachava de fome, e eu só via desolação. Decidi pegar minha família e seguir por esse mundão, passei por vários lugares, sofri tanta humilhação. Diziam que eu era ignorante, que não tinha educação, mas quem vive da enxada tem doutorado na aflição. Minha fé já não existia, em Deus pensei que não cria, “Ele não olha pra gente, mulher”, era o que eu sempre dizia. Mas ela, firme, ajoelhava, rezava por mim todo dia, e eu calado me perguntava: até quando essa vida seca eu teria?

Consideramos que esses poemas sugerem ser a literatura um prisma poderoso para promover a reflexão acerca das subjetividades e emoções que permeiam o processo de construção do conhecimento em seus diversos aspectos. Mediante essa realidade, notamos que a atividade pedagógica que envolveu o corpo discente – por meio da leitura, da apresentação de seminários e das discussões em mesas-redondas – contribuiu para que os alunos se tornassem protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. Assim, buscamos romper com a “educação bancária”, buscamos transformar olhares, jeitos de viver e de estar no mundo.

Percebemos essas realidades no modo como os participantes da pesquisa conseguiram identificar, nas personagens do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, sentimentos como a angústia, a dor e a aflição. Notamos tal fato em versos como: “*Minha fé já não existia*” (Aluno 2). Já em relação ao Aluno 1, observamos sua percepção de que o animal de estimação era como um membro da família; o estudante percebeu que a cachorra socorria os familiares quando não tinham o que comer: “*A sorte era uma cachorra que sempre ajudava*”. Para além dessa constatação, entendemos que este último conseguiu relacionar os aspectos socioeconômicos presentes na obra, ao notar que não deveria reclamar da vida, pois as personagens analisadas almejavam ter o que ele possui. “*Por isso não reclamo do que eu tenho/ E nunca vou reclamar/ Pois o que eu tenho hoje todos eles queriam conquistar*.” Essa percepção é parte da análise crítica, a partir da realidade de quem se é.

Daí a importância de criarmos um currículo que reflita a realidade local, que promova a valorização da cultura e de suas raízes e que contribua para a formação integral do educando. Nesse processo de aprendizagem, não damos ênfase ao mero acúmulo de informações, mas à capacidade que o corpo discente demonstra de dialogar com os saberes e lançar mão do conheci-

mento que lhe é significativo. Iniciamos, assim, um processo que pode nos levar à travessia da disciplinaridade para a transdisciplinaridade.

LITERATURA REGIONALISTA: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR PARA REFLEXÃO DAS QUESTÕES SOCIOCULTURAIS, ECONÔMICAS E SOCIOAMBIENTAIS REVELADORAS DA IDENTIDADE

Analisar a unidade e a complexidade humana de acordo com os vários conhecimentos dispersos nas ciências humanas, nas ciências sociais e na literatura que, por sua vez, reflete a diversidade das relações em que o jovem está inserido, carece de coragem para atravessar, para desconstruir os pilares enraizados na fragmentação e para se enveredar pelos descaminhos da incerteza. Essa dinâmica nos leva rumo à aventura proporcionada pelas narrativas dos imaginários sociais de nossas comunidades (o despertar às 04h da manhã) e, ir ao encontro das tramas de grandes obras literárias, que trazem em seu bojo os contextos históricos, culturais e o modo como se dão as relações humanas (Morin, 2003).

Por meio dessa abordagem, compreendemos que a literatura busca auscultar as realidades políticas discriminatórias, como em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; as de exploração da força de trabalho, como em *Os Corumbas*, de Amando Fontes; as de injustiça, como em *Os Miseráveis*, de Victor Hugo; as de introspecção e intimismo, como em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; as de desigualdade social, como em *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto; as de sobrevivência em meio aos desmandos governamentais, como em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; e

as de poder, como em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em que a luta pela sobrevivência é permeada pela opressão política e pelas situações climáticas oriundas ora do sol, ora da chuva.

Nessas obras, mesmo em meio aos sofrimentos advindos de cada realidade e de cada contexto histórico, social, político e econômico, percebemos que o entusiasmo pela vida brotava das crenças por melhores condições de existência, tendo em vista a condição planetária que cercava as personagens. Notamos que das páginas da literatura brotam poesias que ressignificam as vidas. As prosas são oriundas das poesias que compõem a complexidade e a incompletude de trajetórias que representam muitas outras, seja no sertão baiano, cearense, pernambucano, sergipano ou alagoano; seja em um país como a França, ou, ainda, em uma cidade como o Rio de Janeiro.

Entendemos que as obras literárias refletem os contextos históricos, culturais e o modo como se dão as relações humanas em contato com seus imaginários sociais. Para Morin (2003), o ser humano faz parte de uma tríade indissociável: indivíduo-sociedade-espécie. Assim, o indivíduo faz parte da sociedade e a sociedade está no indivíduo, tendo em vista que os elementos culturais o acompanham em suas atitudes e expressões. Evidenciamos tal interface na reflexão de um aluno participante da pesquisa que, ao se embeber do universo literário, ampliou seus horizontes e criou conexões com a realidade observada em seu contexto.

É o que se percebe nestas estrofes²:

[...]

² Estrofes do poema "*Tecendo o fio da Vida*." Fruto da experiência de um aluno participante da Ação Pedagógica. Nessa ocasião, a interação com o meio, a observação da realidade, levou-o à construção desses belíssimos versos.

Cada raspada é história, memória, a brilhar
 ciclos de vida, em silêncio a cantar.
 com dedos precisos, mudam por vir,
 na escuridão da noite, fazem um dia surgir

E quando o primeiro raio beijo amanhecer,
 o campo resplandece no brilho de seu fazer.
 São elas, as tecelãs de um novo renascer,
 que, na luz e no esforço, fazem o dia crescer
 (Aluno X da 3ª “C” do CEER)

Dos versos dessa poesia, além de observarmos a luta pela sobrevivência – permeada pela resiliência e pela determinação das mulheres trabalhadoras das casas de farinha que, ainda na madrugada fria, tecem o fio da vida para sustentar suas famílias – refletimos também acerca da pertinência do conhecimento nas tessituras do processo de transdisciplinaridade.

Entendemos essa interface como uma via que visa à criação de uma nova ciência capaz de dialogar com múltiplos processos materiais e imateriais, bem como com saberes subjugados de diferentes escalas e níveis, tendo em vista a complexidade do ambiente enquanto “processos de ressignificação do real, geradores de novas identidades em torno do saber” (Leff, 2011). Sob essa ótica, notamos que os alunos criam, aprendem e refletem sobre suas experiências, podendo transformar a forma como se veem e como se relacionam com o mundo ao seu redor.

Destes versos – “*elas, de olhos atentos seguem a missão / mandioca em mãos, com ritmo e suor / criam o sustento, um trabalho maior*” –, notamos o quanto o aluno captou a relação das raspadeiras de mandioca com seu contexto histórico, social, político e econômico. Assim, evidencia-se a relação indivíduo/sociedade/espécie, significando que, no convívio social, a construção das relações sociais fundamenta-se na dinâmica de um depender do outro.

Por essa interface dialógica (realidade local e leitura), percebe-se que, das páginas da literatura, surgem poesias que ressignificam vidas, revelando a conexão entre saberes e apontando para uma educação capaz de se conectar com a complexidade e a transdisciplinaridade.

Essa perspectiva exige que o conhecimento seja construído a partir de princípios transdisciplinares, superando o viés da disciplinaridade fragmentada. Ao refletirmos sobre as circunstâncias poéticas que se universalizam, reconhecemos que a identidade humana se forma na integração do todo (Morin, 2003), celebrando a diversidade ao mesmo tempo em que promovemos a unidade e a compreensão mútua, criando ambientes de aprendizagem inclusivos e acolhedores para todos, conforme os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Nessa dinâmica, o aluno é levado a pensar suas ações, a criar estratégias para realizá-las, a interpretar e a interagir com outros alunos que têm pontos de vista diferentes do seu, organizando e expressando seu aprendizado; enfim, percebemos o corpo discen-te como protagonista de seu próprio conhecimento. Ele aprende em contato com as realidades interiores e exteriores ao exercer sua autonomia de ser autopoietico e ao compreender que sua condição humana é atravessada pela complexidade da existência terrena. Por isso, notamos o despertar para o cuidado consigo, com o ambiente e com o cosmo, dentro da perspectiva do vai-e-vem da vida, sempre em movimento, como as ondas do mar.

CAPÍTULO IV

Os Preparativos
para o Sarau Literário:
“A arte que
Movimenta a vida”



Durante o ano letivo, organizamos o Sarau Literário, paulatinamente, com o objetivo de promover a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. A jornada começou com a declamação do poema “*No Meio do Caminho*”¹ de Carlos Drummond de Andrade, ocasião em que buscamos conectar a realidade dos agricultores do município com a vivência dos pais dos alunos, tendo em vista que a maioria deles trabalha no campo e vive da feitura da farinha de forma artesanal. A partir dessa discussão, promovemos debates em formato de mesa-redonda, nos quais realizamos a apresentação de obras da literatura regionalista (poesia e prosa). Nesse momento, fizemos a apresentação das obras literárias, bem como a sugestão da divisão dos grupos de estudo, reiterando a relevância da teorização e a importância da leitura e sua conexão com a vida cotidiana para a construção significativa do conhecimento.

Foi a partir dessa dinâmica que desenvolvemos os preparativos para o Sarau Literário, buscando enaltecer a criatividade dos educandos a partir de suas vivências e experiências com o mundo ao seu redor, por meio da conexão com o universo literário apresentado. As apresentações de seminários, os debates nas mesas-redondas, a visita técnica à casa de farinha, a confecção de cenários, as apresentações teatrais, declamações de poesias,

¹ O eu lírico desse poema traz em seu bojo a reflexão de que no meio do caminho há pedras. Esse caminho se configura em uma metáfora que traz a pedra simbolizando os problemas e os percalços pelos quais passamos nesse caminho rumo às conquistas. Por isso, é preciso retirá-las do meio do caminho e construir castelos de realizações. (grifo da pesquisadora)

apresentações de dança e interpretações de monólogos foram ocasiões importantes para a culminância desse trabalho. Presenciamos um momento ímpar, revelador do poder transformador que a educação tem na vida do ser humano.

Dessa forma, fomos construindo aprendizagem “a exemplo do processo de tecelagem,” conforme abordam as teorias. Entendemos que cada aluno pode tecer, construir e reconstruir conhecimentos, ao tempo em que articula e integra sua realidade em diálogo com as diversas leituras, para tornar o processo de aprendizagem mais eficiente e eficaz (AKIKO, 2005).

Reconceitualizar, pois, o conhecimento, é preciso, por meio de concepções que se contradizem ou enriquecem o senso comum. Por isso, entendemos que essa reconceitualização reclama a incorporação dos princípios que dialogam com a transdisciplinaridade, como o holográfico (que religa as partes ao todo); o da complementaridade entre os opostos (que articula os pares binários); o da Incerteza (em que a certeza da vida se fundamenta na lógica contrária à da ciência); e o princípio da Autopoiese (pelo qual o ser humano aprende em contato com suas experiências internas e externas).

Para elucidar essa dinâmica, apresentamos algumas fotos comprobatórias desse processo de ensino-aprendizagem que vivenciamos na preparação para a realização do referido evento.





Fonte: autoria propria, 2025

Transformar a informação em conhecimento (PENTEADO, 2023). Eis a dinâmica de uma travessia pelo mundo do aprendizado que ultrapassa os muros da escola e promove o diálogo com outras áreas do saber. Nesse processo, o fazer pedagógico conduz o aluno a ser ativo, participativo e reflexivo.

Fomentarmos essa percepção, contribuiu não só para ressignificar seus mundos e se enxergar como parte de um território/lugar que pode ser transformado, mas também para pensar sobre a relação do homem com a natureza. Daí a possibilidade de se compreender que as atitudes e ações de cada um são fundamentais para promover o cuidado consigo, com as pessoas e com seu redor, buscando, pela via do diálogo entre os saberes, da construção e desconstrução do conhecimento, o equilíbrio ambiental que transita entre aprendizados e reflexões dos fazeres pedagógicos.

APRENDIZADOS E REFLEXÕES DURANTE E PÓS-REALIZAÇÃO DO SARAU LITERÁRIO

No decorrer do trabalho que realizamos com as obras literárias, os alunos do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro tiveram a oportunidade de refletir sobre as realidades dos trabalhadores da casa de farinha do município, sobretudo, do povoado Mulungu, bem como sobre os aspectos socioculturais, socioeconômicos, sociopolíticos e socioambientais apresentados nas obras de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Amando Fontes e João Cabral de Melo Neto, entre outros, relacionando-os com suas vivências. A seguir, apresentamos 29 depoimentos que ilustram as impressões e aprendizados desses alunos, durante e após a realização do Sarau Literário.

Aluno 1

Como foi citado, “instrumento” de transformação: uma polissemia da palavra instrumento, que nos leva a pensar que a literatura é um instrumento, ou seja, tem várias formas e diferentes maneiras de se tocar e ouvir. A literatura, quando se trata de “meio de transformação” (além), também é um espaço de reflexão e de resignificação de vivências. Por meio dela, é possível compreender diferentes perspectivas e culturas, promovendo a empatia e o respeito pelo outro. A literatura nos conecta com emoções profundas e nos permite enxergar a realidade sob novos ângulos, ajudando-nos a questionar padrões e a construir uma visão crítica do mundo.

A literatura é mais que uma forma de arte: é uma ponte entre o coletivo e o individual, o real e o imaginário. É um convite para pensar, sentir e agir com maior consciência e sensibilidade.

Aluno 2

A partir do meu contato com a leitura, meu jeito de pensar e agir mudou completamente, principalmente depois da minha leitura do livro ‘Os Corumbas’, pois após essa leitura, pensei que tenho tudo nas mãos, mas não sou grato, porque no livro mostra a busca incessante pelo básico para viver, a busca pelos direitos. Depois deste livro eu comecei a ser mais grato por tudo que tenho, não mudei apenas depois desta leitura mas também mudei depois da minha leitura do “Diário de Anne Frank” e outros livros. A literatura pode mudar vidas, qualquer livro que lemos se nos aprofundarmos na leitura certamente mudará nossa perspectiva da vida como foi do de pensar, agir e como mudou tudo em mim. Outro ponto que mudou meu jeito de agir e pensar foi o sarau literário, pois encarnamos os personagens do livro “Os corumbas”, assim o meu aprendizado foi completamente diferente, pois vivi como um dos personagens na hora da apresentação, eu aprendi não só lendo, mas encenando e falando.

Aluno 3

Oii! min chamo [...] a leitura sempre teve um papel importante na minha vida, pois através dela descobri novos mundos, aprendi coisas que não conhecia e desenvolvi a capacidade de compreender melhor as pessoas e as situações ao meu redor. No começo, ler era apenas uma obrigação escolar, mas aos poucos se tornou um hábito prazeroso. Cada livro que eu pegava trazia uma sensação diferente: algumas histórias despertavam minha curiosidade, outras ainda me faziam refletir sobre temas que eu nunca tinha parado para pensar.

Aluno 4

Com as leituras, entendi que devemos valorizar o que somos e não negar as nossas origens. Devemos ser gratos e não reclamar das coisas que temos, nem todas as pessoas tem as mesmas condições e pra algumas pessoas o que não é “nada” pra outras pode ser tudo.

A desigualdade social é muito presente na maioria das histórias dos livros, nem todas as pessoas tem as mesmas condições.

Aluno 5

A leitura me proporcionou uma nova visão de como enxergar o mundo de outras formas, os livros “O Triste fim de Policarpo Quaresma”, “morte e vida severina” e outros feitos me deram uma vasta experiência de como o mundo é visto de várias formas por diversas pessoas, o fato por Policarpo como o nordeste é retratado como um lugar “seco e sem vida por alguns autores, mais isso é um grande equívoco pois em outros livros que falam a realidade sobre o nordeste que não são críticos e sim elogios sobre a beleza e cultura nordestina, belezas inigualáveis e únicos do sertão brasileiro. Os debates com colegas de turma sobre os livros lidos, percebi que agiam de formas diferentes do que retratavam no livro, pois muitos não liam e só falavam da boca pra fora e falavam coisas sem sentido. Só tenho a agradecer a professora Maria Isabel por me proporcionar a leitura desses maravilhosos livros.

Aluno 6

A leitura me proporcionou uma nova visão de como enxergar o mundo de outras formas, os livros “O Triste fim de Policarpo Quaresma”, “morte e vida severina” e outros feitos me deram uma vasta experiência de como o mundo é visto de várias formas por diversas pessoas, o fato por Policarpo como o nordeste é retratado como um lugar “seco e sem vida por alguns autores, mais isso é um grande equívoco pois em outros livros que falam a realidade sobre o nordeste que não são críticos e sim elogios sobre a beleza e cultura nordestina, belezas inigualáveis e únicos do sertão brasileiro. Os debates com colegas de turma sobre os livros lidos, percebi que agiam de formas diferentes do que retratavam no livro, pois muitos não liam e só falavam da boca pra fora e falavam coisas sem sentido. Só tenho a agradecer a professora Maria Isabel por me proporcionar a leitura desses maravilhosos livros.

Aluno 7

Os livros podem acalmar, inspirar, confortar e até ajudar a lidar com situações difíceis.

Um livro que retrata a vida nordestina Vidas secas é uma das obras mais importantes do modernismo brasileiro, o romance retrata a vida dura de uma família de retirantes que enfrenta a miséria provocada pela seca no nordeste. Esse livro em si é algo que nós podemos fazer o que quiser a partir da leitura e isso a partir da experiência de seminário sarau e o que mim ensinou mais ainda com essa experiência de leitura.

E todos alunos sempre tiveram o incentivo de isabel e isso mim motivou mais ainda para apresentar o seminário foi uma experiência única.

A partir do seminário nós podemos apresentar em uma faculdade sem medo e isso podemos prova com essa aula e com o sarau.

Aluno 8

Para eu Josefa Gardênia a leitura pode ser uma experiência transformadora e enriquecedora, especialmente quando se trata de obras literárias que tocam o sagrado. A leitura (leitura) de obras literárias que adotam temas espirituais ou religiosos pode criar uma sensação de conexão com algo maior do que nós mesmos. A leitura para mim foi algo muito transformador, pois conseguir entender coisas que antes da leitura não entendia. Ela também cria uma sensação de comunidade e compartilhamento com outros leitores, permitindo discutir e refletir sobre as obras e seus temas. A leitura tem ajudado ver um mundo de uma perspectiva diferente e a crescer como pessoa.

Aluno 9

Na minha perspectiva o sarau Literário me fez ampliar a minha visão sobre algumas relações sociais. Em algumas obras eu me identifiquei, assim me fez refletir sobre a minha vida, e de como devemos valorizar as pequenas coisas da vida. Uma das minhas obras favoritas, é a Gançá de Graça Aranha, onde dois personagens Milkau e Lenty buscavam a terra prometida, na visão deles era um local onde eles realmente iriam viver felizes, tendo a vida ideal, mas na obra tem uma conexão com a denúncia, a desigualdade social e econômica, apresentando injustiças e sofrimento.

Portanto, na prática eu tive o contato direto com os livros e com a leitura em si, a execução da metodologia da Professora Isabel foi crucial para meu desenvolvimento intelectual, onde coloquei em prática a minha escrita, a comunicação gerei conhecimento e compartilhei com os demais colegas, me esforcei mais para poder me preparar para apresentar a peça de [rasura] teatro, sempre estudando para os seminários e mesas de debate coletivo, executada mapas mentais, pesquisas e cópias de conteúdo.

Eu evoluir muito pois deixei a preguiça de lado para poder estudar foi muito esforço e planejamento. mas valeu a pena...

fazendo-se uma ponte com a realidade com a obras os corumbas de Amando Fonte, onde as pessoas lutando diariamente com a sua rotina trabalhista, onde enfrentarão a desigualdade e invisibilidade, onde o trabalho não é remunerado. Ligado a minha realidade dos trabalhadores da minha cidade onde a principal fonte de renda é o trabalho em casas de farinha, já que é um trabalho informal e de mão de obra barata, eles trabalho pesado e não recebem um valor financeiro alto, assim sendo invisibilizados.

Aluno 10

Meu nome é [...], estudei no Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, onde tive o privilégio de conhecer [...] a professora mais dedicada da área de Linguagem que já tive. Agradeço muito a ela por todo conhecimento adquirido nesse decorrer de tempo. Através da leitura do livro “O Quinze” percebe que a leitura e muito mais que simplesmente ler, como muitos fazem, só passar o olho. Com esse romance o Quinze de Rachel de Queiroz eu pude ver o quanto a educação pode transformar vidas. Na ponte com a realidade (Parte da aula que fiz na apresentação do seminário), me deparei com situações que eu mesma passo. No romance os personagens vivem invisibilizados por falta de conhecimento de oportunidades de educação e de condições. Um dos fatos que me deparai foi quando precisei de um comprovante de residência e eu não tinha porque minha energia era gato, ligando direto do poste, e nisso a moça olhou pra mim e falou a seguinte frase: “mulher como é que você mora em um lugar e não tem comprovante de residência? Isso não existe, não vai ter como marcar o exame sem o comprovante, tente arrumar algum”. naquele momento me senti inferior a todos que estavam ali ao meu redor. Sofri muitas negligências em minha vida e só fui perceber isso através de leitura e de conhecimento adquirido ao decorrer do meu ensino médio da educação, literatura e do conhecimento.

O conhecimento me transformou completamente. Hoje olho o mundo e os livros com outros olhos não só a leitura do romance o quinze mas também de outras obras e poemas. no decorrer do tempo, todas essas obras e poemas contribuíram para que minha visão do mundo, das pessoas e da realidade ficasse mais clara, o quanto a leitura, escrita e o conhecimento abrem e me aprofundam mais em tudo que eu vejo e faço. Hoje, através da educação e do conhecimento me tornei outra pessoa, minha vida e rotina mudou completamente para melhor

Aluno 11

Eu, [...] interpretei Fabiano na obra “Vidas secas”, a oportunidade de mostrar o meu gosto por essa obra foi o que precisava para enxergar a vida de outros olhos, logo eu que nunca dei valor ao pouco que tinha comecei a ver as histórias que não só a minha mãe mas também a minha avó me falavam, histórias essas que Graças a “Vidas secas” e “Macunaíma” me fizeram dar valor ao pouco.

No sarau pude demonstrar a minha visão e enxergar o que é literatura brasileira. A história de quem vive do pouco não é sobre pobreza e sim sobre pessoas e famílias que lutam todos os dias por um futuro melhor.

Hoje me orgulho da minha mãe e da minha avó que mesmo comendo água e farinha no almoço não desistiram tenho-as como exemplo.

Por isso, agradeço as aulas da professora Isabel que nos apresentou a mesa redonda e me ajudou a ter essa visão de valorização da minha história (rasura) por meio da literatura.

Aluno 12

A leitura é uma das ferramentas mais simples e, ao mesmo tempo, mais poderosas que existem. A leitura me ajuda de tantas maneiras que às vezes nem percebo o quanto ela faz diferença no meu dia a dia. Cada livro, cada texto me apresenta algo novo. Isso aparece principalmente na minha comunicação: quanto mais eu leio, mais fácil fica de falar, escrever e organizar minhas ideias.

Ler aumenta meu vocabulário e me mostra formas diferentes de construir frases. Também percebo que fico mais atenta aos detalhes e consigo interpretar melhor situações e sentimentos tanto os meus quanto dos outros.

Além disso, a leitura amplia minha visão de mundo. Ela me faz conhecer realidades diferentes, aprender coisas novas e desenvolver um pensamento mais crítico. E isso me ajuda em tudo: nos estudos, nas decisões que preciso tomar, no jeito de lidar com problemas e até na forma como me relaciono com as pessoas.

No fim, a leitura se tornou uma aliada. Ela não melhora só a minha comunicação, melhora também quem eu sou e quem estou me tornando. É como se, a cada página, eu crescesse um pouco mais

Aluno 13

Minhas experiências com a leitura na culminância do sarau literário foram marcadas por descobertas, emoções e trocas de conhecimento. Ao apresentar minha leitura, senti que não estava apenas compartilhando palavras, mas transmitindo sentimentos e interpretações construídas ao longo do processo. Ouvir as apresentações dos colegas também me proporcionou novas perspectivas, mostrando como cada leitor transforma o texto de maneira única. O Sarau se tornou, para mim, um espaço de expressão, liberdade e fortalecimento do hábito de ler. Foi vivência enriquecedora que contribuiu para o meu crescimento pessoal e literário.

Aluno 14

Depois do sarau eu comecei a valorizar a leitura mudou a minha vida, aprendi a superar meu medo. O último seminário num ensino valoriza a minha cidade meu estudo porque sem estudo nós não somos e nada. A minha primeira experiência no seminário foi como uma tempestade de ansiedade e insegurança pensando que eu não conseguia falar mais no último passei uma semana estudando e chorando pedi força a Deus e consegui falar apresentei superei todos os seminários e eu amei a experiência de apresentar o estudo é vida.

Aluno 15

[...]A partir da leitura de obras como, Vidas Secas, nos proporciona a experiência, com a metodologia da mesa redonda, de vida durante este ano letivo. A principal obra que fiz em eu como um aluno, que tinha que acordar às 2:00 da madrugada para trabalhar, foi Vidas Secas, com Fabiano um homem bruto fruto de múltiplas experiências negativas, uma vida que percorre a fome e a fraqueza de uma região. Essa miséria material, além da simbólica, Essa procura por uma vida melhor que ocorre, ainda nos dias atuais, famílias que viajam para outros estados em busca de melhores condições de moradia e trabalho, já que a nossa região, São Domingos, uma pequena cidade que não possui grandes oportunidades de emprego, A única opção é a mudança de estado da mesma forma que Fabiano e sua família fazem. Após a mesa redonda, e o seminário, onde se reuníamos para fazer apresentações sobre as obras, A professora comentava como tinha sido as apresentações, além de um diálogo que nós fazíamos refletir e repensar a nossa vida como estudantes e pessoas. Essa experiência que será inesquecível, uma memória que ficará eternizada, pois cada momento, cada segundo em que nos empenhamos mais e mais para aprendermos, é algo que será levado para a vida inteira, agradeço a ela por todas essas oportunidades incríveis de leitura que nunca esquecerei.

Aluno 16

Na minha perspectiva, o sarau literário, a mesa redonda e o seminário elaborados pela professora[...] são projetos de grande importância e influência para a comunidade escolar, pois possibilita aos alunos uma aprendizagem interativa. Através dos livros e dos personagens de obras renomadas da literatura nordestina, ampliamos nossos conhecimentos, fortalecendo o raciocínio e ajudando a compreender melhor o mundo.

Neste ano letivo, a professora Isabel nos apresentou diversos livros, os quais me fizeram refletir sobre a minha vida e sobre os problemas socioeconômicos, socioculturais, sociopolíticos e socioambientais. Em especial, *O Quinze* me fez refletir muito. Rachel de Queiroz mostrou fortemente a dura realidade do povo sertanejo, e com essa obra eu desenvolvi uma compaixão maior pelo próximo e passei a valorizar ainda mais os meus pais, a comunidade local e as minhas raízes.

No contexto do município de São Domingos, é encontrada uma grande quantidade de casas de farinha, onde muitos trabalham para garantir o sustento do dia. Esse ambiente de luta e resistência me fez lembrar outra obra estudada: *Os Corumbas*, de Amando Fontes, que retrata uma família pobre enfrentando dificuldades e exploração. A obra reforça a importância de valorizarmos essas pessoas, suas histórias, seu trabalho e suas lutas, reconhecendo a força da cultura nordestina e o impacto social que ela carrega.

A culminância do sarau literário mostrou como a leitura ampliou minha visão de mundo e fortaleceu meu senso crítico. Foi uma experiência marcante que reafirmou a importância da literatura na minha vida.

Aluno 17

Ao ler, reler e entender o poema, percebi a linda e reflexiva mensagem presente nele. Em cada verso, Cecília transmite de forma melancólica o fato do tempo transformar diversos aspectos de nossas vidas. Isso em “retrato” já em “ou isto ou aquilo”, ela fala sobre como as escolhas fazem parte de toda a nossa vida, todos os dias, desde a infância. Assim ao mergulhar nessas duas lindas obras, consegui me ver nelas, elas me atraíram diante do quanto eu estava me identificando com o que Cecília apresentava nesses poemas. Eu associei o fato de o tempo transformar e termos que fazer escolhas, consegui trazer para minha realidade, pois passei por um momento em que quase entrei em depressão, esse momento se deu a partir de mudanças, o tempo transformou coisas em minha vida que exigiram que eu fizesse a escolha mais difícil que eu já tive que fazer. Dessa forma, vi que a leitura me trouxe conforto diante dessa situação, pois vi algo que eu passei sendo falado de forma ampla, acolhedora e poética. Então, pode-se afirmar com toda a certeza do mundo: a leitura muda vidas, ela transforma ambientes, pensamentos, pessoas, e a partir dela o mundo inteiro pode ser transformado

Aluno 18

Após a leitura dessa obra, apresentamos nesse evento, uma dramatização de Vidas Secas. Diante de tudo isso, é nítido que essa obra transformou, tanto o meu quanto o pensamento de outras pessoas, essa obra aumentou a empatia, pois visualizamos a fome, a seca, a injustiça e a miséria que a família enfrenta. A obra também me fez enxergar a realidade de algumas regiões do Brasil, principalmente no Sertão Nordestino. Vidas Secas mostra uma realidade dura: falta de água, falta de oportunidades, violência social. A obra supracitada também gera consciência social, pois podemos entender que existem diversas classes sociais e que nem todos possuem as mesmas oportunidades. Nesse sentido, a leitura dessa obra me proporcionou uma melhoria no que eu entendia de Sertão e na perspectiva social. Após a realização do Sarau Literário, percebi que grande maioria dos alunos se sentiram realizados e envolvidos na obra, conseguimos, através tanto da leitura quanto da dramatização, adquirir conhecimento e permitir que isso nos transformasse. Diante da perspectiva da coletividade, de que um galo sozinho não tece uma manhã, das ações e do trabalho realizado nas casas de farinha, pode-se observar que essa coletividade está presente também em sala de aula. Cada aluno contribui lado a lado com o professor para realizar algo, nos seminários todo mundo se ajudou, teorizaram juntos e compartilhando conhecimento. No Sarau, todos contribuíram para o sucesso da peça: uns ficaram com o cenário, outros com o figurino, alguns atuaram e todas essas ações coletivas contribuíram para esse grande evento literário.

Aluno 19

Eu [...]tive uma experiência transformadora para mim. Antes do livro Vidas Secas, eu enxergava a realidade do sertão apenas como um tema distante, algo que eu conhecia superficialmente pelos livros escolares. Mas, ao acompanhar a trajetória de Fabiano, Sinhá Vitória e seus filhos, passei a compreender de forma muito mais profunda o peso da seca, da fome e da falta de oportunidade que marca a vida de tantas pessoas. Depois de Vidas Secas, passei a ser mais sensível às questões sociais e a refletir mais sobre empatia. O livro não apenas ampliou meu conhecimento literário, mas também me fez crescer como pessoa, despertando em mim um olhar mais humano, crítico e consciente da realidade ao meu redor. A leitura mudou minha visão de mundo, através da leitura e através da literatura eu tive acesso a um mundo inacessível de outra forma. Por meio das mesas redondas e da Culminância do Sarau Literário passei a valorizar mais a minha vida, por que tenho coisas em minha vida que os personagens de Vidas Secas não tinham.

Aluno 20

Primeiramente, eu concordo com esses argumentos, que a leitura pode mudar vidas, comportamentos, A leitura do Soneto de fidelidade, mudou meu pensamento, eu era uma pessoa mais resguardada fechada, tanto com amigos como com familiares, aquele soneto me ensinou que nós temos que viver cada momento como se fosse o último, ou seja não deixar para amanhã o que podemos fazer hoje e na apresentação do sarau “morte e vida severina”, teve uma mudança na minha vida fez com que eu valorizar mais o trabalho coletivo, ver que pra tudo precisamos de outras pessoas e o Teatro, eu já tinha feito diversas apresentações, mais em todas eu ficava nervosa, mas essa foi diferente eu tava mais leve, mais tranquila, de início eu não queria participar, porque mesmo que eu tenha o dom de apresentação, eu não gosto de me expor muito, mas mesmo assim eu fui não só por mim, eu fiz esse esforço para ajuda a sala e a professora que estava administrando a nossa sala, mas valeu muito a pena tive muitas mudança com pessoa então eu falo a literatura a leitura muda vidas comportamentos, o jeito de pensar e de agir

Aluno 21

O poema “Relógio” descreve o tempo e a vida através da metáfora de caixas de vidro que contém uma “palpitação” semelhante a um pássaro enjaulado. Essas caixas podem ser relógios de parede ou de pulso, e representam a regularidade mecânica do tempo, contrastando a precisão e a mono-tonia do tic-tac com a vitalidade da natureza. O tempo as vezes é retratado como algo ruim, como se fosse um inimigo, mas a única coisa que é ruim, são as pessoas gastando seu tempo com situações que não lhe favorecem, algo que não te leva pra frente de tudo. As pessoas são suas próprias gaiolas, que não conseguem sair de seus vícios, qualquer mania que vá atrasar seu de-senvolvimento pessoal, e considerado um vício negativo, por exemplo as crianças de hoje em dia que se importam mais com o celular, em vez de aproveitar sua infância de maneira correta. Essa leitura me fez refletir sobre limites em certos vícios, como em questão ao meu pai que tinha sofrido um leve infarto isso me fez sentir que o tempo gasto no celular, poderia ser colocado em ligação com o meu pai. O tempo não avisa de certo as consequências da vida e sim as próprias pessoas.

Aluno 22

A leitura transforma vidas”

A leitura mudou após ler o livro *Vidas secas* que retrata uma vida fraca, sem acesso a educação, falta de investimento. Sinhá Vitória não tinha uma cama e era seu sonho ter... Isso faz com que nós se colocamos no lugar dela e valorizarmos nossas raízes e tudo que temos. A leitura é uma forma de sair da zona de conforto e vê o mundo de uma forma melhor. O Sarau, seminário e a mesa redonda me fizeram evoluir como pessoa e com minha comunicação com outras pessoas, além disso é uma troca de conhecimento fundamental para os alunos, e uma preparação para faculdade e pra vida. Com eles pude me aprofundar mais no meu conhecimento e debater com os meus colegas. Esse projeto de Maria Isabel é excepcional para os alunos.

Aluno 23

Conforme a experiência que tive nesse ano, por meio da literatura e da mesa redonda, pude conhecer obras como “Canoa”, “O Quinze”, “Os Sertões” e “Vidas Secas”, além de poemas de Carlos Drummond de Andrade, como por exemplo: “No meio do Caminho”, “Para sempre” e, em particular, “Ausência”. Eu queria dizer a verdade: não sou daquelas pessoas que tem paixão pela leitura, mas, pelo menos eu pude escutá-la pelos meus colegas e me aprofundar nelas durante a nossa mesa redonda, mesmo que não tenha sido muito.

Para dizer que foi bom para mim.

Assim, eu pude ver as condições passadas e as mensagens que os autores tinham que passar para a sociedade na época, mesmo que as vezes tivessem que ser bem escondidas para não terem problemas com quem exercia o poder, ou talvez para nos dar uma lição de vida real. No meio do caminho haveria uma pedra, ou melhor dizendo, uma história triste ou qual-quer obstáculo, mas sempre se deve ter algo a ensinar sobre a vida. Como às vezes ela pode ser cruel, ou pode ser suave como uma pince-lada de Van Gogh. Bem, acho que você não contava isso não é mesmo?

Mas devo continuar, pois ainda tem os filmes: “Cronicamente Inviável” e “Macunaíma”. Eu não tenho muito para falar desses dois porque eu nunca fui tão atento a detalhes de filmes assim. Um parece mais um documentário que expõe a violência a desonestidade e a contradição da sociedade brasileira e racismo, o outro tem o nosso “herói sem caráter” se destacando, mostrando as qualidades do povo brasileiro e, também, os seus defeitos.

Agora falando sobre o que mais me deixou angustiado

Mas que no fim deu tudo certo. O evento do Sarau Literário é a arte que movimenta a vida, onde a nossa apresentação foi sobre “O Quin-ze” de Rachel de Queiroz, foi uma surpresa e uma responsabilidade ao mesmo tempo. Mes-mo a gente, como aluno, às vezes sem ânimo para decorar falas, gestos ou plane-jar o cenário e o figurino. Para mim o figurino foi fácil, pois eu não era per-sonagem, mas estava no cenário. Foi agonizante porque muita gente não se en-volvia, a não ser que o pessoal da atuação chamasse a atenção para ajudar. No começo eu fiquei perdida, mas depois fui pegando o jeito com o pessoal. No final deu tudo certo e mos-tramos a nossa mesa redonda, além de coisas novas como “O Auto da Compadecida”.

Fiquei muito feliz e grato por participar de tudo isso, apesar da tristeza e da alegria que ocorreu durante o ano. Espero que muitos tenham es-sas expe-riências. Às vezes o gosto de aprendi-zado prova o contrário: é uma expe-riência muito boa que amplia o conhecimento. Por isso, peço desculpas por qualquer falha que eu tenha da-do, seja pequena ou grande.

Aluno 24

Esta reflexão é fruto da análise dos livros em que já li. A leitura nos ajuda a nos reconhecer como seres humanos, reconhecer a nossa condição humana, a construção com a identidade e a nossa relação com o meio. A obra vidas secas escrita Por Graciliano Ramos, Por ser uma obra de denúncia, destaca muito a resistência e a Perseverança dos personagens diante das adversida-des. Além disso, me fez enquanto leitora valorizar pequenos momentos de felicidade e me levou a reflexões humanas e sociais, reforçando a idéia de que precisamos de uma sociedade mais justa e solidária para com todos. A leitura pode sim mudar vidas. Ela abre novos horizontes e muda totalmente a vida de quem aprecia. Também pode inspirar consciência crítica, empatia e cidadania ativa.

Aluno 25

Sou uma pessoa muito vergonhosa mas o sarau me ajudou bastante a lidar com a minha vergonha consegui apresentar e dei o meu melhor apesar de sentir muita vergonha acredito que o sarau é isso é sair da zona de conforto é encorajar e enfrentar os seus desafios

Aluno 26

Minhas experiências bom de começo não foi tão de boas porque eu não gostava muito de ler achava chato. quando tinha seminário eu odiava Além de que não gostar eu tinha muita vergonha hoje nem tanto. mas o que me fez querer ler mais foi o último poema que eu li que Isabel passou que se chama “uma faca só lamina aquele poema me chamou atenção eu li refletir nunca pensei que eu iria gostar bastante daquele poema. ali eu percebi que não é ruim de ler o quanto eu pensava a leitura pode nos levar além. O sarau sempre sendo legal divertido uma coisa que e todo final de ano muitos falam que o sarau e chato. mais e momento único de ta lá ou de participar.

Aluno 27

Como dizia a Professora [...], “Rapadura é doce, mais não é mole não”. Nesses anos do ensino médio do 1º e 2º anos nenhum professor nos despertou a curiosidade na leitura. Pois não passava nenhum livro. Quando chegou no 3º ano Isabel a passar os vários livros despertando curiosidade passando seminários, peças e conheço, aprendi bastante principalmente em mergulhar e aprofundar na leitura do livro e aprendi a falar melhor, perder o medo de apresentações. Sim! ela pega muito no pé mas é por amor e ensinar que na vida sempre temos que aprender ouvindo e escrevendo. Consegui ler os livros de forma diferente com outra visão mais ampla e despertar minhas curiosidades e com sede de aprendizado.

Aluno 28

Eu aprendi que com o sarau algumas coisas eu posso levar pra minha vida e também antes eu não conseguia apresenta sarau com todo o apoio e confiança da professora [...] eu consegui apresentar o sarau e o seminário mais eu fiz o que eu consegui apresenta estudei até tarde pra conseguir um belo resultado e não desaponta a professora isabel que mesmo eu não sendo aquele aluno estudioso ela sempre acreditou que eu era capaz de apresenta o seminário e o que eu levo de aprendizado e que eu não posso para de acredita na minha pessoa e depois do sarau eu aprendi que agente tem que acredita em si mesmo no sarau eu pude arruma o telão ajudei na fazenda e isso é gratificante pra mim.

Aluno 29

Aprendi muito depois que o sarau, aprende que tudo é um momento de ajudar o próximo, além de não ter muito conhecimento que nem sempre a vida é como a gente deseja e sim como queremos conquistar ela.

Do jeito mais legal vivemos ela a vida pensando sempre no que a nos queremos conquistar isso que a leitura traz em mim mi ajudou bastante depois do sarau aprendi bastante que nem sempre queremos algo que não conseguimos o sarau é muito importante para ensinar sobre a vida de cada um de incentivar a viver algo sempre novo por isso o sarau do “quinze” mim ensinou sobre a vida, mim ensinou a aproveitar mais a vida que temos tudo e não conseguimos aproveitar e sobre o sarau e muito aprendizado porque ela fala muito sobre nos e sobre nossa realidade de vida e sobre aproveitar cada momento que o sarau trouxe cada mão ajudadoras que o sarau sempre é pra ajuda e a leitura também é pra ajuda pra quem quer ler ela com foco e determinação.

Entendemos que esses depoimentos revelam as mais profundas subjetividades que brotaram do deixar-se ser dos participantes da pesquisa durante e após a realização do Sarau Literário. Observamos como as narrativas elucidaram os mais diversos modos de conceber a aprendizagem e como os alunos conseguiram superar seus medos, aprendendo a ser, a fazer e a viver juntos.

Constatamos, nos registros fotográficos da realização do Sarau Literário, essa realidade de superação, envolvimento e revelação de competências e habilidades a saber, Responsabilidade/cidadania, comunicação, empatia/cooperação, repertório cultural, conhecimento, autoconhecimento e projeto de vida (MEC, 2018). Essas competências são essenciais para formar cidadãos críticos, autônomos e participativos, capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Em cada desdobramento do evento, foi visível o poder libertador do diálogo entre os saberes e do encontro fascinante com o universo literário. Veja-se:





A partir desses registros, percebemos o quanto o contato com o meio físico e social levou os participantes da pesquisa à construção do conhecimento pertinente e significativo. Notamos o reverberar das habilidades e competências das linguagens em suas diversas faces (interpretação, dança, encenação), o que os levou a trazer à tona sentimentos e emoções, a entrar em catarse.

Entre o real e o imaginário, eles colocaram as mãos na massa, deixaram-se levar e se libertar de todos os medos e situações de aprisionamento do corpo e da alma, sentindo o ambiente e evocando as emoções mais íntimas de seu ser. O que proporcionou o encontro com as narrativas das vidas experienciadas na raiz da existência humana, sentida no labor da hora que já não se

quer ficção, mas um encontro ardente com a realidade criativa e criadora, a exemplo das narrativas e das tramas sentidas e testadas por Sancho Pança e seu mestre Dom Quixote de La Mancha.

De fato, a leitura é um instrumento de libertação, do encontro com a vida, do reconhecimento e da valorização de quem se é, e de transformação de realidades. A partir dela, podemos tomar consciência das questões adversas nas quais estamos inseridos para transformá-las, tendo como ponto de partida o acesso à educação como um ato político que tem como primazia a valorização do processo de ensino-aprendizagem com foco no protagonismo do educando (Freire, 2005).

Reiteramos, pois, que o trabalho pedagógico que tem como foco o diálogo entre os saberes (observação da realidade dos trabalhadores das casas de farinha e o ensino de literatura — poesia ou prosa) potencializa a dinâmica da construção, desconstrução e reconceitualização do conhecimento, trazendo à tona a valorização de suas raízes e o reconhecimento de suas identidades, para assim, compreender que os aspectos integrativos de sua realidade local e seu diálogo com a literatura favorecem, para além da análise de quem se é, o cuidado consigo, com seu derredor e com o cosmo.

Desta feita, assim como a abundância das águas de março, o processo de ensino-aprendizagem explode em formas, ritmos e movimentos diferenciados, conforme as habilidades de cada aluno nesta longa e fascinante viagem pelo mundo em construção de quem se é. Eis a dinâmica de uma educação que se pretende livre de toda peia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018. p. 467-491 (Linguagens e suas tecnologias).

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. Escritora de Sucesso, 2023. Disponível em: <https://escritoradesucesso.com.br>. Acesso em: 28 dez. 2025.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993. In Boletim/ CESP v.13 n.16, jul/dez.1993.

LEFF, Enrique. **Aposta pela vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016. cap. 4: Imaginários Sociais e Sustentabilidade da Vida, p. 293-366.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Complexidade e Dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em Educação Ambiental**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 27, n. 94, p. 131-152, jan./abr. 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Educação Ambiental e Epistemologia Crítica**. Rev. Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental, v. 32, n. 2, p. 159-176, jul./dez. 2015.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Psy II, 1995.

MELO NETO, J. C. de. **Tecendo a manhã**. In: __. **Obra completa: volume único**. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 345. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira). Disponível em: (<https://www.escritas.org/pt/t/11508/tecendo-a-manha>) Acesso em: 20 jan. 2026.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Meio Ambiente e Formação de Professores**. São Paulo: Cortez, 2023. p. 9-51.

PIAGET, J. (1976). **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Record. Rio de Janeiro, 1947.

SANTOS, Akiko. **Complementaridade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, jan.-abr. 2008, p. 12-25.

SANTOS, Akiko; SANTOS, Ana Cristina Souza dos. **Da Disciplinaridade à Transdisciplinaridade: obstáculos epistemológicos**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Cindes, RJ. Anais... Rio de Janeiro: ANPED, 2005.

Caro leitor,

As páginas deste livro dialogam com os saberes do cotidiano, com a experiência enraizada no chão sentido da labuta diária da casa de farinha e com sua conexão com a literatura regionalista, cuja sensibilidade nos envolve e nos convida a mergulhar em águas mais profundas da vida — essa vida que não se cansa de viver intensamente, mesmo quando o seu tecer revela a luta constante por dias melhores.

Nesse percurso, emerge também o trabalho pedagógico que busca romper com a fragmentação do conhecimento, indo ao encontro da inter e da transdisciplinaridade como caminhos possíveis para compreender a complexidade da existência. Um fazer educativo que reconhece que os saberes não caminham isolados, mas se entrelaçam, se atravessam e se completam na construção do Ser e do Aprender.

Entre a realidade ambiental e a ficção que representa a vida, enraizadas em sua complexidade, os encontros se fazem e se refazem no desenrolar da existência, revelando que o diálogo entre os saberes nasce do chão vivido, assim como a raiz da mandioca, para revelar a memória, a palavra, a cultura e a esperança.

